



Sociedade, Cultura e Política Brasileira, a “Mulher do Malandro” e Aproximações com a Síndrome de Estocolmo, um Ensaio: Retratos da Vida Cotidiana

Brazilian Society, Culture And Politics, The “Scoundrel Woman” And Approaches To Stockholm Syndrome, An Essay: Portraits Of Everyday Life

Sociedad, Cultura Y Política Brasileñas, La «Mujer Del Canalla» Y Aproximaciones Al Síndrome De Estocolmo, Un Ensayo: Retratos De La Vida Cotidiana

DOI - 10.70678/revistasalaoito.v1i9.1288

Marcelo Barboza Duarte¹

Artigo científico

Linha de pesquisa: **Política, Planejamento e Gestão da Educação**

RESUMO

O brasileiro é reconhecido internacionalmente e nacionalmente como um povo acolhedor, pacífico, amigo e que acolhe todos os povos e estrangeiros - e, por que não dizer, como um "sujeito cordial". Além de ser um termo complexo e controverso, é crucial que seja analisado e discutido sob novas perspectivas, abordagens e críticas. E relacionado a outros termos. Como o “malandro”. Dessa forma, objetivamos analisar tais conceitos/termos de sujeito cordial brasileiro e malandro, e assim, perceberemos suas implicações, controvérsias e problemáticas. E descobrimos que tanto um quanto outro possuem suas dimensões políticas, adjetivadoras e categorizadoras. Portanto, entre controvérsias e polêmicas, fizemos o esforço de demonstrar tanto o que se apresenta quanto o que se ocultam nesses termos. Os verificamos nas complexas relações sociais classistas e disputas de poder dentro da sociedade e cultura brasileira. Com isso, adentramos pela pesquisa de caráter bibliográfica e buscamos compreender o que esses termos possuem em comum, bem como quais suas origens, relações e objetivações. Mergulhando na história, sociedade e cultura brasileira, sob a influência das perspectivas marxianas, fizemos o esforço de materializar tais relações sociais e as práticas dos referidos termos. E assim, observamos que a sociedade e cultura brasileira estão intrinsecamente interligadas a esses termos e as práticas políticas e ideológicas que os fundam. Logo, também foi verificado através e por meio da bibliografia quanto do método materialista, que tais relações e termos estão carregados de complexas síndromes, resquícios coloniais e de práticas neocoloniais. Sendo assim, se é urgente compreender tais dinâmicas sociais quanto suas problemáticas e consequências no tecido social e cultural do país. Uma vez que suas consequências não influenciam e afetam apenas em nossas percepções e relações domésticas e internas, mas também quanto as nossas percepções e noções de relações internacionais. Marcando nossas visões de mundo e de sociedade desde as esferas concretas quanto simbólicas. Sendo assim, tanto o aparente cidadão cordial quanto o malandro, trazem certos estigmas da era colonial brasileira. E que além

¹ Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Especializado em Filosofia pelo Departamento de Pós-Graduação Lato-Sensu da Universidade Gama Filho (UGF); Especializado em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória - ES; Especializado em Neuropsicologia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Licenciado em Pedagogia Plena com Habilitação ao Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Fundamental e Médio, Orientação, Supervisão e Administração Educacional pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF); Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória - ES; Licenciado em Filosofia pela Universidade de Taubaté (UNITAU); Licenciado em História pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Licenciado em Sociologia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), e Bacharel em Filosofia pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF).



de ainda se fazerem presentes, vem moldando nossas gerações e suas percepções de si quanto do outro. Reproduzindo inúmeras formas de violências. Para tanto, autores e obras como as de Bourdieu; Foucault; Marx; Engels; Citelli; Fiorin; Bagno; Holanda; Mattoso; Romano; Freud; Marcondes; Linhares; Laplantine; Reis; Fanon; Laraia; Stowe e Chauí foram nossas bases de análises e de influências para o construto. Além de outros autores e obras importantes. Portanto, observaremos que tanto o sujeito cordial quanto o malandro possuem nuances e desdobramentos além das exposições costumeiras. Ou seja, há outras interpretações, perspectivas e modos de se olharem para tais (termos/conceitos e relações) e suas relações com a sociedade e cultura brasileira. Concluiremos realizando certa subversão e inversão do termo “malandro” e o apontando para sua real direção.

Palavras-chave: Sociedade Brasileira; Cidadão Cordial; Síndrome de Estocolmo; “Mulher de Malandro;” Neocolonialismos.

ABSTRACT

Brazilians are recognized internationally and nationally as a welcoming, peaceful, friendly people who welcome all peoples and foreigners - and, why not say it, as a “cordial subject”. As well as being a complex and controversial term, it is crucial that it is analyzed and discussed from new perspectives, approaches and criticisms. And related to other terms. Like “rascal.” In this way, we aim to analyze these concepts/terms of Brazilian cordial subject and malandro, and thus understand their implications, controversies and problematics. And we discovered that both have their political, adjectivizing and categorizing dimensions. Therefore, between controversies and polemics, we have made an effort to demonstrate both what is presented and what is hidden in these terms. We verified them in the complex class-based social relations and power disputes within Brazilian society and culture. With this in mind, we delved into bibliographical research and sought to understand what these terms have in common, as well as their origins, relationships and objectifications. Diving into Brazilian history, society and culture, under the influence of Marxian perspectives, we made an effort to materialize these social relations and the practices of these terms. And so we observed that Brazilian society and culture are intrinsically linked to these terms and the political and ideological practices that underpin them. Therefore, it was also verified through the bibliography and the materialist method that these relationships and terms are loaded with complexes, syndromes, colonial remnants and neo-colonial practices. It is therefore urgent to understand these social dynamics in terms of their problems and consequences for the social and cultural fabric of the country. Since their consequences not only influence and affect our perceptions and domestic and internal relations, but also our perceptions and notions of international relations. Marking our visions of the world and society from both the concrete and symbolic spheres. As such, both the apparent cordial citizen and the rogue carry certain stigmas from Brazil's colonial era. These stigmas are still present and have shaped our generations and their perceptions of self and other. Reproducing countless forms of violence. To this end, authors and works such as Bourdieu; Foucault; Marx; Engels; Citelli; Fiorin; Bagno; Holanda; Mattoso; Romano; Freud; Marcondes; Linhares; Laplantine; Reis; Fanon; Laraia; Stowe and Chauí were our bases for analysis and influences on the construct. In addition to other important authors and works. Therefore, we will observe that both the cordial subject and the malandro have nuances and developments beyond the usual expositions. In other words, there are other interpretations, perspectives and ways of looking at these (terms/concepts and relationships) and their relationship with Brazilian society and culture. We will conclude by subverting and reversing the term “malandro” and pointing it in its real direction.

Keywords: Brazilian Society; Cordial Citizen; Stockholm Syndrome; “Mulher de Malandro;” Neocolonialisms.

RESUMEN

Los brasileños son reconocidos internacional y nacionalmente como personas acogedoras, pacíficas, amistosas, que dan la bienvenida a todos los pueblos y a los extranjeros y, por qué no decirlo, como «personas cordiales». Además de ser un término complejo y controvertido, es crucial que se analice y discuta desde nuevas perspectivas, enfoques y críticas. Y relacionado con otros términos. Como «bribón». De esta forma, pretendemos analizar estos conceptos/términos de sujeto cordial brasileño y malandro, y así comprender sus implicaciones, controversias y problemáticas. Y descubrimos que ambos tienen su dimensión política, adjetivadora y categorizadora. Por lo tanto, entre controversias y polémicas, nos hemos esforzado por demostrar tanto lo que se presenta como lo que se oculta en estos términos. Los verificamos en las complejas relaciones sociales de clase y en las disputas de poder dentro de la sociedad y la cultura brasileñas. Para ello, nos adentramos en la investigación bibliográfica y tratamos de entender qué tienen en común estos términos, así como sus orígenes, relaciones y objetivaciones. Buceando en la historia, la sociedad y la cultura brasileñas, bajo la influencia de las perspectivas marxianas, nos esforzamos por materializar esas relaciones sociales y las prácticas de esos términos. Y así observamos que la sociedad y la cultura

brasileñas están intrínsecamente ligadas a estos términos y a las prácticas políticas e ideológicas que los sustentan. Por lo tanto, también se verificó a través de la bibliografía y del método materialista que estas relaciones y términos están cargados de complejos, síndromes, resabios coloniales y prácticas neocoloniales. Por lo tanto, es urgente comprender estas dinámicas sociales en términos de sus problemas y consecuencias para el tejido social y cultural del país. Ya que sus consecuencias no sólo influyen y afectan a nuestras percepciones y relaciones domésticas e internas, sino también a nuestras percepciones y nociones de las relaciones internacionales. Marcando nuestras visiones del mundo y de la sociedad tanto desde el ámbito concreto como desde el simbólico. Así, tanto el aparente ciudadano cordial como el pícaro arrastran ciertos estigmas de la época colonial de Brasil. Estos estigmas siguen presentes y han moldeado a nuestras generaciones y sus percepciones del yo y del otro. Reproduciendo innumerables formas de violencia. Para ello, autores y obras como Bourdieu; Foucault; Marx; Engels; Citelli; Fiorin; Bagno; Holanda; Mattoso; Romano; Freud; Marcondes; Linhares; Laplantine; Reis; Fanon; Laraia; Stowe y Chauí fueron nuestras bases de análisis e influencias en el constructo. Así como otros autores y obras importantes. Por lo tanto, observaremos que tanto el sujeto cordial como el malandro tienen matices y desarrollos más allá de las exposiciones habituales. En otras palabras, hay otras interpretaciones, perspectivas y formas de ver estos (términos/conceptos y relaciones) y su relación con la sociedad y la cultura brasileñas. Concluiremos realizando una cierta subversión e inversión del término «malandro» y apuntando en su dirección real.

Palabras clave: Sociedad brasileña; Ciudadano cordial; Síndrome de Estocolmo; «Mulher de Malandro». Neocolonialismos.

INTRODUÇÃO

Vamos iniciar as discussões, pelo sujeito aparentemente cordial. Descolonizar é preciso. Mas antes, vamos nos situar em algumas informações e dados importantes que contribuirão para o trabalho como um todo quanto para reflexões relevantes e futuras, talvez presentes, tomadas de decisões. As informações e dados a seguir não estarão como soltas no texto, mas fazem parte de certo fio condutor implícito como propostas de ações para atuar diante do que o construto apresentará.

Atualmente o Brasil tem mais de 213 milhões de habitantes,² mas esses números podem ser bem mais. Sendo que dos 213 milhões, uma média de 109 milhões são mulheres, e uma média de 102 milhões seriam compostas de homens, o que significa aproximadamente mais mulheres do que homens no país. Com uma média de quase 7 milhões a mais de mulheres em comparação aos homens. Entretanto, é preciso destacar que esses dados que se referem aos números de mulheres e homens no Brasil, são estimativas entre sujeitos acima de 25 anos de idade. Isso porque abaixo dos 25 anos de idade, os dados são diferentes, ou seja, o número de homens é maior em relação as mulheres, fato que ocorre, porque no Brasil nascem mais homens do que mulheres. Porém, muitos desses “simplesmente desaparecem antes dos 25 anos de idade.”³ O que demonstra ser um fenômeno ou fato curioso e preocupante. E todas essas informações estão conectadas ao todo do trabalho em tela.

Dos 213 milhões de habitantes, sendo 109 milhões formados por mulheres, e de 102 milhões de homens, aproximadamente 122 milhões de brasileiros estão nos grupos étnicos de

² Não trabalharemos com os dados exatamente iguais aos do IBGE, mas os arredondando como ilustrativos, e até porque as diferenças não irão comprometer as exposições e suas explicações para nossos exemplos de reflexões, a exemplo, se forem 212, 583.750 milhões de pessoas, iremos arredondar para 213, isso devido as margens de erros para mais ou para menos. Como há milhares de habitantes de outros países que residem no Brasil, mas que não se declaram como residentes, esse número de habitantes sem dúvidas aumenta, também se inclui os milhares de brasileiros que residem no exterior e no Brasil, ou que transitam entre, e que por algum motivo não participaram ou participam de tais pesquisas. Além de inúmeras pessoas que não são alcançadas pelas pesquisas, logo, se tornando anônimas ou invisíveis aos dados. Dessa forma, não seria equívoco se arredondarem os números. Desde que não sejam algo exorbitante, surreal e ficcional.

³ O Atlas da Violência no Brasil (IPEA), talvez nos dê algumas pistas, sobre esses tais desaparecimentos.

negros, pardos e indígenas. E desses 213 milhões de habitantes, aproximadamente 47 milhões de mulheres acima de 25 anos de idade, possuem mais escolaridade ou níveis de escolaridade em relação aos homens, que são uma média de 36 milhões deles. O que equivale de 10 a 11 milhões de mulheres mais escolarizadas em relação aos homens. Ou seja, quase 50 milhões de mulheres possuem certos graus e ou níveis de escolaridade superior comparando-se aos homens, que teriam uma proporção de apenas de 36 milhões deles com graus ou níveis de escolaridade. Porém, entre as mulheres, há uma desproporcionalidade gritante, e que há respostas para isso, mas não cabe aqui discutirmos tais fatos, pois não haveria como o fazer em um trabalho como este. Com isso, é importante dizer que, dos 213 milhões de habitantes, formados por 109 milhões de mulheres, dessas, 64 milhões de mulheres brancas possuem mais escolaridades e cursos superiores no Brasil, isso em relação as mulheres negras, que são uma média de 30 milhões. Ou seja, o dobro das mulheres negras, que são de brancas, possui mais escolaridades e cursos superiores do que as mulheres negras e pardas (Apufsc, 2024; O Tempo, 2023; G1, 2023; Metrôpoles, 2024; IBGE, 2022, 2023). A partir disso, esperamos que as mulheres do Brasil que são tanto em maior número quanto em maiores graus e níveis de escolaridades, informações e conhecimentos, possam compreender a dimensão deste trabalho, de suas reflexões, problemáticas, provocações de perspectivas nas entrelinhas, e sobretudo, de tomada de consciência de que elas possuem papéis e funções importantíssimas no lugar de fala do país, na promoção de mais conhecimentos e escolarização dos próprios homens, inclusive que são agentes cruciais de transformação das realidades que foram configuradas na história material, linguística, cultural e política do país: de constantes processos de subalternizações e submissões a nações imperialistas e colonialistas. Isso porque há uma proporção enorme de mulheres escolarizadas que podem envergar tais poucos homens no comando, no poder do país e da sociedade brasileira, os forçando a várias transformações.

Logo, as mulheres do Brasil atual, mesmo com seus limites, embates e conflitos, possuem alto poder de fala e de intervenções para explorarem os termos que se seguem e contribuir com desconstruções de mitos do brasileiro cordial e de terra de malandros. Pois o texto demonstrará que eles vão muito além de machismos e sexismos. E milhões de homens brasileiros (negros e pobres) pagaram com suas vidas e ainda pagam, isso por serem enquadrados como malandros. E inúmeros não sabiam, talvez ainda não saibam, como se esquivarem desse termo marcador ideológico. E quando o brasileiro é adjetivado e se adjetiva como malando – infelizmente culturalmente e historicamente – sua família também o é por extensão. Já que o termo surge como marcador, categorizador, classista e dentre outros.⁴

⁴ Importante deixar frisado que o “termo ou jargão mulher de malandro” não é uma apologia ao machismo, sexismo e racismo. E sim que o referido termo cumpre cinco funções importantes, relevantes e específicas no trabalho em tela. E são elas: 1. Ser um instrumento provocativo de reflexões; 2. Ser ferramenta de abordagem; 3. Servir de instrumento e ferramenta conectiva a outros processos e relações sociais, culturais, políticas e históricas; 4. Ser contextualizado, problematizado e esclarecido com seus panos de fundo, pois, somente assim poderemos combater o que ele carrega; 5. Utilizá-lo para compreendermos suas relações nos processos coloniais e neocoloniais do Brasil. Logo, não podemos nos fechar ao aprofundamento da problematização de tal termo e suas nuances com a própria história colonial brasileira e os novos processos neocoloniais que ainda insistem em se darem sobre o povo brasileiro. Portanto, ao compreendemos essas funções e suas relações, aí sim, poderemos tanto resisti-lo (ao termo) quanto se apropriar dele como armas conceituais, adjetivas e categorizadoras que os opressores utilizam contra os oprimidos. Enfim, entendê-lo para combatê-lo. Porém, como dito, aqui ele cumpre cinco funções, logo, não se torna um mero instrumento sexista/machista, mas também identificador classista. Ou seja, ele se transforma num revelador de classes, processos neocoloniais e de síndromes. Sendo assim, antes de resisti-lo ou relegá-lo “ao limbo” das exclusões, observe que o referido além de instrumento racista, sexista e machista, também cumpre papéis políticos e classistas, dependendo do lugar, de posição, e de fala do termo, e no qual, pelas classes dominantes e opressoras, o termo na verdade, se torna uma poderosa arma, no qual lança vários homens negros,

O SUJEITO CORDIAL BRASILEIRO

Andando pelas “salas e teatros” de muitas cidades, ruas, casas e instituições do nosso país, fico cada vez mais pasmado como muitos de nós brasileiros pensamos, percebemos, concebemos e reproduzimos nossas culturas, noções políticas, percepções e ideias de relações internacionais, visão de mundo e de sociedade. Estas geralmente marcadas de subordinações e subalternizações como que carregadas de complexos de inferioridade. Serão retóricas persuasivas ou alienações? Continuemos... Pois só compreenderemos a profundidade dos problemas sociais locais, pontuais e cotidianos se entendermos as dinâmicas e relações em nível macro e global que se dão historicamente. Enfim, foram processadas e ainda se processam em relações de e entre colonizadores e colonizados. Que ainda são atualizadas, reformuladas e com novas roupagens. São tais relações, seus contrastes, antagonismos, paradoxos, contradições e *modus operandi* que ainda influenciam em muito a situação e fato de o porquê existem mais de 70% da população vivendo em pobreza e miséria, inclusive nossa população é constituída de mais de 60% de pessoas negras e pardas, e são em maioria os que vivem em pobreza, miséria e fadados as violências diárias, constantes e estatais (Fontes: IBGE, 2020 a 2024).⁵ Ou seja, há

pardos, pobres e miseráveis a condições deprimentes que o termo carrega. E que sempre foi, o de adjetivar e categorizar as massas pobres, miseráveis e de trabalhadores. Basta se verificar as condições desses no tecido social do país. Apenas para aprofundar a provocação, durante os anos 60 aos anos 90, ao menos no Rio de Janeiro, geralmente quando a polícia abordava homens que consideravam suspeitos, quase sempre sendo sujeitos/homens negros, pardos, pobres e moradores de morros, comunidades ou favelas – os pediam que mostrassem as mãos. Não havendo calos nas mãos, eles eram imediatamente tidos/enquadrados como suspeitos, e sendo chamados de vagabundos e malandros. Isso já demonstra a concepção de lugar de trabalho do/para o homem negro, pardo e pobre brasileiro. Ele precisa estar empregado, com carteira assinada e com calos nas mãos. Havia casos que mesmo o sujeito tendo calos nas mãos, os policiais diziam que eles eram produtos de segurar armas durante muitas horas/tempo. E em ambos os casos, todos podiam parar numa delegacia. A situação era tão grave, que a população pobre e miserável que habitavam as regiões metropolitanas do Rio nesses anos, viviam em constantes desesperos e traumas, isso com medo de homens encapuzados e armados, os famosos grupos de extermínios ou matadores, que entravam nessas comunidades e assassinavam inocentes em números de um, sete a mais de vinte pessoas de uma só vez (Vigário Geral). Mesmo sendo trabalhadores, inocentes e já vítimas em vários sentidos (Bourdieu, 2003, 2012; Duarte, 2018; Foucault, 2012), mas eram consideradas como malandros, vagabundos e criminosos.

⁵ Fontes: BRASIL, IBGE notícias, 2023. Pobreza cai para 31,6% da população em 2022, após alcançar 36,7% em 2021 (População de mais de 213 milhões de habitantes). Entretanto, o número de pobres e miseráveis eram maiores antes dos anos de 2021. Com oscilações entre 2020-2022, porém, a população de pobres e de miseráveis no país na última década, sempre esteve oscilando entre a soma de 75 a 80% da população brasileira (O que é um número extremamente preocupante). Ou seja, estes são fatos e fenômenos sociais brasileiro, que estão sempre em constância no país – a população de pobres e miseráveis sempre alcançando e ultrapassando os 70% da população do povo brasileiro. País que possui uma média de 90% da população considerada cristã. Isso é um antagonismo ou um paradoxo – levando em conta que os princípios primitivos do cristianismo eram igualdade, justiça, direitos sociais, compartilhamentos etc. O que demonstram que religião não significa melhores condições de vida, justiça social, qualidade de vida, igualdade etc. Vamos estender um pouco esta nota, problematizando tais afirmações no corpo do texto: Além dessas mazelas, das desigualdades e injustiças sociais – cabe dizer que os negros e pardos são a maior população de pobres e de miseráveis do país; também são a maior população carcerária do país, ou seja, são esses negros e pardos quem compõe os grupos de pessoas encarceradas no e do Brasil – e são a terceira maior população carcerária do mundo atual. Ou seja, o Brasil é o terceiro país do mundo que mais prende pessoas – porém, prende e encarcera muito mais pessoas negras e pardas, de pobres e miseráveis, do que de brancos e de ricos e classes médias-medianas a altas. Dos quase 1 milhão de presos no Brasil (talvez mais do que isso), mais de 67% são negros. Os outros 33% estão distribuídos entre pardos, sua grande maioria, e de brancos, sendo esta última uma minoria de presos. Esses dados também incluem a população carcerária feminina. Logo, a população carcerária tem cor, condições e origens socioeconômicas e culturais, isso parece ser uma mecânica e um processo objetivo para vir a ocorrer ou acontecer, como uma RODA DA VIDA = DETERMINADOS a ser e a acontecer.

um grande emaranhado proposital entre esses processos históricos desde o escravismo e colonização dessas terras e como estes processos se dão de novas formas nos meandros sutis das relações sociais micro e macro. Um jogo de segregações e exclusões desde a colonização.

Imediatamente, remeto-me ao conceito de Holanda (2013) sobre "o homem ou cidadão cordial". Contudo, logo descobri que este ser ou espécie "cordial" possuía e tem seus contextos sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos. Isso ocorre porque os processos sociais, suas dinâmicas e conjunturas, se transformam, se modificam e causam novos efeitos, produtos ou consequências, quase que numa constante relação dialética entre teses, antíteses, sínteses, teses, antíteses e sínteses e assim sucessivamente. E assim, "os cidadãos cordiais" são uma forma de produto impresso nas massas.

Em outras palavras, esses indivíduos "cordiais" estão intimamente relacionados às produções sociais, políticas, econômicas, comerciais e históricas. O sujeito "cordial" brasileiro mudou. Talvez sim, ou talvez não. Isso se deve ao fato de que as estruturas, conjunturas e sistemas sobre ele sofreram alterações, transformações e novos conteúdos ao longo dos séculos XX e XXI de nossa era. Um claro exemplo são os efeitos que o processo de globalização causa nas culturas e sociedades. Logo, ficam as indagações: sofreremos alterações? Nos metamorfoseamos? Nos transformamos? Ou permanecemos os mesmos cidadãos-sujeitos cordiais? Se é que um dia fomos ou deixamos de ser. Quem sabe parcialmente?! Lembrando que o termo é um produto impresso no povo (Bauman, 1999, 2017, 2019).

Dessa forma, aquele sujeito "cordial" e que parecia ser mais sensível aos sentimentos do que à razão, quase como um devoto, submisso e com uma certa "empatia" estranha aos olhos dos estrangeiros, logo foi ficando para trás. Talvez para trás no cenário nacional e com relação ao seu próprio povo. E assim continuando "cordial" com estrangeiros ou apenas com alguns grupos ou países de estrangeiros. Talvez a estranha cordialidade ainda exista?! Mesmo seletiva, racista e etnocêntrica.

Tais reflexões não significam que a sociedade brasileira "perdeu" "esse estranho dom", cultivado, produzido e determinado pelas relações sociais, comerciais, culturais e de sistema de produção entre colonizadores e colonizados, onde o Brasil está infelizmente na posição de colonizado. O sujeito cordial ou supostamente, foi um produto do processo da era colonial.

Sendo assim, o indivíduo aparentemente "cordial" - caracterizado por ações intensas ou extremamente emotivas em detrimento da racionalidade - é um produto social e cultural das

Para que assim uma minoria branca e de classe média-média alta possa viver melhor e longe daqueles ou destes 'infelizes e seus infortúnios.' No quesito escolaridade todos esses também vão se distinguindo. Desse modo, dos quase 1 milhão de presos negros, apenas 1% cursou ou cursa o ensino superior, mais de 80% não concluíram o ensino fundamental. E mais de 92% não concluíram o ensino médio. E mais de 8% é considerada analfabeta, não sabendo nem ler e nem escrever. Mais de 60% de toda a população carcerária, incluindo negros, pardos e brancos são considerados pobres e os da linha da miséria. Os demais 40% estão distribuídos entre a classe média baixa em segundo lugar e a classe média alta em terceiro. Até o momento expomos a situação apenas da população carcerária como uma amostra do que estamos discutindo. Se somarmos a população dos menores infratores nos Institutos por todo o país como 'Padre Severino' no Rio de Janeiro, a população dos hospitais públicos, dos manicômios, dos presos em delegacias e das escolas públicas, a cor da pele negra e parda são os fatos mais detectáveis nos casos verificados, assim como a situação socioeconômica desses sempre sendo a menor e a pior. Ou seja, poderíamos chegar a um número de quase 80% da população ou mais, que não possuem voz ou protagonismos diretos na sociedade. Como mencionado, seria quase 80% ou mais da população brasileira atuando como meros atores figurantes sociais, quase que como fantoches, e com alguns casos de X% de coadjuvantes. O fato de expormos X% foram por motivos de não aprofundarmos no assunto ou tema, bem como pelo grau de complexidade dele e a exposições de dados mais detalhados e atualizados (fontes de 2022-2024, e já estamos em 2025). O objetivo aqui foi apenas demonstrar a realidade dos fatos expostos em discussão e com os dados reais e materiais da sociedade brasileira e suas condições de vida. Todos esses dados se encontram nas fontes: DEPEN, 2021; IBGE, 2020 a 2024; NOVO, 2021; REDE BRASIL, 2023; CONJUR, 2021; SENADO, 2020; BRASIL, 2020a 2024.

relações e processos de colonização, dominação e produção entre o Brasil e a Europa. Em outras palavras, o sujeito "cordial" é, na cultura brasileira, um produto das relações de força, poder, domínio, controle e comércio entre o Brasil e a Europa, desde a época colonial brasileira até o final do século XX de nossa era. Talvez esta produção nunca tenha cessado. A produção desses tipos de sujeitos foi promovida e marcada pelos muitos derramamentos de sangue de milhões de indígenas e negros nesse solo e terra chamada Brasil. E diante desses fatos dos processos e marcas da colonização, não consigo compreender como nossa sociedade não reflete sobre os inúmeros pais e mães indígenas que torciam pernas ou braços de seus filhos recém nascidos para os livrarem das crueldades, barbaridades, mazelas, misérias, prisões, castigos e cativéis que os colonizadores aplicavam sobre e para com tais povos nativos – no qual muitos pais indígenas realizavam essas ações desesperadas, de sofrimentos e angústias para tentarem livrar seus filhos da tragédia da colonização e escravidão (Galeano, 2016; Brunschwig, 1990; Romano, 1995; Mattoso, 1999). Ou seja, o sujeito aparentemente cordial para com os estrangeiros será um produto da própria colonização, neocolonização e miscigenação no país, produzindo indivíduos que se identificavam (e se identificam) e veneravam (e veneram) seus colonizadores e algozes do que se identificarem e se sensibilizarem com as vítimas destes. Talvez isso ocorra de acordo com as necessidades coloniais, neocoloniais e suas novas fórmulas, processos, mecanismos, procedimentos, dispositivos e práticas de gerência e ingerência em outros países, povos, suas forças de trabalho e riquezas naturais, ou seja, dos e sobre os colonizados – e assim os colonos ou neocolonos vão agindo de modo quase que imperceptíveis ou invisíveis. A isso poderíamos dizer que,

O neocolonialismo consiste no fato de que um país doravante independente vê sua política ser dirigida do exterior, com as potências imperialistas realizando uma dominação invisível, a dos grandes banqueiros do Fundo Monetário Internacional e outros mais. Se acrescentarmos a isso a impotência diante da cotação do petróleo ou das matérias-primas e das taxas de câmbio, os países independentes podem mudar de governo: mas, isso não modifica em nada a sua situação (kwame Nkrumah, 1955. Apud Ferro, 2017, P. 112).

Ou seja, a de colonizados. Logo, e com o passar dos tempos, a cordialidade brasileira foi tomando novos contornos, características e especificidades à medida que nossas relações de dependência foram deixando Portugal e outros países europeus para se dirigirem e se especializarem em apenas alguns outros países, tais como a França, Inglaterra, Alemanha e os Estados Unidos. Dessa forma, a cordialidade brasileira passou a ser um produto com maior foco, exclusividade, especialidade e seletividade para, e apenas a essas quatro “nações prime”. Isso não significa que talvez não haja outras ou possa haver. Mas, estas são as nações ou países "prime", "Premium" e exclusivos da "cordialidade" brasileira. Ou talvez de boa parte de brasileiros.

Fato é que boa parte, talvez a maioria da população brasileira não demonstre a mesma simpatia, empatia e extrema cordialidade para com os povos árabes, africanos, asiáticos e até mesmo “latinos”. Ou seja, o centro e foco dessa aparente cordialidade é fixado, direcionado e centrado em menos de meia dúzia de países do norte global, cordialidade profundamente obcecadas com a prática colonizadora, colonialista, dominadora e controladora dos colonizados e “ex-colonizados”. Essa relação complexa, antagônica e controversa brasileira demonstra muito de suas noções, percepções e concepções políticas e de relações internacionais. Inclusive expõe nossa controversa identidade e “maneira de ser cordial”. Poderíamos lembrar quando um suposto astro de cinema hollywoodiano em 2009, veio ao Brasil para gravar cenas do filme

“Os Mercenários”, lançado em 2010.⁶ Entretanto, após a bilheteria começar no decorrer do ano de 2010, o produtor do filme deu uma entrevista no exterior dizendo que “gravar no Brasil era muito bom, já que podiam explodir tudo por aqui (nas cenas), e os brasileiros vibravam, pulavam, agradeciam e ainda ofereciam um macaco”. (Fala do ator, Sylvester Stallone, 2010). É bem verdade que poucas pessoas pelo país se sentiram incomodadas e ofendidas em relação a tal declaração. Muitos brasileiros não deram a mínima importância quanto a tais declarações preconceituosas, etnocêntricas etc., e ainda saíram em defesa do astro milionário. No ano de 2011 um novo filme foi novamente parcialmente rodado no Brasil, “Veloze e Furiosos 5: Operação Rio”.⁷ Assim como “Os Mercenários”, aquele também trazia cenas de explosões, violências e destruições no e do Brasil. O fato é que, ambos os filmes traziam fortes cenas de destruição, caos e violência no Brasil – e em ambos os filmes houve sujeitos protagonistas com posturas de imposição, superioridade, autoridade, poder e acima das leis, cultura e povo brasileiro – destruindo pontes, ruas, favelas, governos etc. E o povo vibrava. Na franquia “Veloze e Furiosos 5” também houve pessoas incomodadas e que se sentiram ofendidas enquanto brasileiros assistindo sujeitos se imporem e destruírem o nosso país. Ainda que seja uma ficção. Entretanto, o fato é que a maioria não deu a mínima para isso. E o grande problema foram os precedentes que tais fantasias abriram para os tolos, neófitos, violentos, incautos, intolerantes, “ignorantes na perspectiva socrática”, os indivíduos “com síndrome de euramericanos” e os “vários tipos de sujeitos com a síndrome de escravo do pai Tomás,” independentemente da cor, etnia e grau de instrução (Bourdieu, 2012); (Freud, 2011, 214); (Holanda, 2013); (Pochmann, 2016, 2017); (Souza, 2018, 2019); (Arendt, 2011, 2016); (Stowe, 2015); (Fanon, 2017); (Rocha, 1996).

AS EVIDÊNCIAS DOS FATOS NA VIDA COTIDIANA NO CENÁRIO BRASILEIRO

Quando andamos pelas ruas do nosso país, suas cidades e estados, quase que geralmente encontramos inúmeras formas, tipos, modos, manifestações e símbolos dos países exclusivos da suposta cordialidade brasileira. Isso em comparação com os países da África, Ásia, Oriente e América Latina para alguns e do Sul para outros. Ou seja, quase não encontramos tantas evidências claras, distintas, objetivas e nítidas e seus respectivos exclusivismos para com esses povos, culturas e suas sociedades. A nossa cordialidade envolve etnia e seletividade. Talvez “raça”, se é que exista. Talvez “as raças superiores” que sempre se proclamaram como tais e assim desmantelam o mundo para difundirem “sua pureza e ideal racial inexistente” (Lévi-Strauss, 2010); (Castro, 2018); (Diwan, 2017)”.

E muitos brasileiros parecem vibrar com tais senhores, colonizadores, neocolonizadores e mestres da destruição e da morte. Bem como com seus slogans. Nossas sociedades indígenas e negras são exemplos do que tais senhores e mestres colonizadores são capazes de fazer e podem fazer, senhores e “bons mestres”, “de raça pura,” “de civilidades,” “das culturas avançadas,” “clássicas e do progresso” (Brunschwig, 1990); (Romano, 1995); (Galeano, 2016); (Mattoso, 1999). Não lembrando a todos esses que em realidade ou verdade muito do que foi denominado culto, avançado e até mesmo clássico foi apoderado, extraviado, sequestrado, subtraído, usurpado, expropriado e roubado de ou dos povos, culturas e civilizações da África,

⁶ O filme teve um gasto de aproximadamente \$80 milhões de dólares e arrecadou por volta de \$125 milhões de dólares pelo mundo.

⁷ O filme gastou aproximadamente \$274 milhões de dólares e arrecadou mais de \$625 milhões de dólares pelo globo. Sendo uma das maiores receitas da franquia.

Ásia e Oriente (Goody, 2009); (Said, 2016). Sobre os processos colonizadores, linguagem, etnocentrismos, preconceitos, aculturações e ideologias dominantes corrobora o Duarte,

Geralmente nos processos colonizadores e supostamente civilizatórios do ocidente, havia não apenas mecanismos de exploração e expropriação das colônias, mas também certa imposição cultural, linguística e de poder das ideologias das classes dominantes ou elites colonizadoras. O Brasil e a América Latina passaram por tais processos, mecanismos e procedimentos (mais adiante trataremos dessa abordagem sobre o Brasil com maiores detalhes). Ou seja, até mesmo em tal fato podemos observar o embate entre termos, palavras, discursos, linguagem e realidade (verdade (s) e realidade (s) como fluxos opostos) (Rinke, 2016 apud Duarte, 2023, p. 7).

O fato é que durante a história humana, das sociedades e suas culturas, se verifica inúmeros embates, batalhas, conflitos, disputas, combates e até guerras por motivos diversos, tais como: econômicos, políticos, religiosos, ideológicos, dentre outros. Porém, por detrás de tais conflitos, embates, disputas, combates e guerras, há também evidências da presença de sentimentos, expressões e práticas de Etnocentrismo e Xenofobia (Duarte, 2023, p. 14).

Duarte, ainda assevera que o

(...) Etnocentrismo, xenofobia e medo estão arraigados em percepções, noções, sentimentos, concepções e psiquismos ligados a pulsões, repressões e recalque, bem como a mecanismos ligados à linguagem e à ideologia, nos quais fazem com que indivíduos sintam e vejam o que não é real. Pois, são instrumentos de construção da subjetividade e imaginário social (Duarte, 2023, p. 18).

Chauí sobre a ideologia contribui afirmando que,

O que torna possível a ideologia é a luta de classes, a dominação de uma classe sobre as outras. Porém, o que faz a ideologia ser uma força quase impossível de se atingir e ser destruída, é justamente o fato de que a dominação real é justamente aquilo que a ideologia tem por finalidade ocultar. Em outras palavras, a ideologia nasce para fazer com que os homens creiam que suas vidas são o que são em decorrência da ação de certas entidades (a Natureza, os deuses, ou Deus, a Razão ou a ciência, a sociedade, o Estado) que existem em si e por si, e as quais é legítimo e legal que se submetam aos mesmos (Chauí, 2006, p. 87).

Sendo assim, “A ideologia é resultado da luta de classes, e que tem por função esconder a existência dessa luta. Podemos ainda acrescentar que, o poder ou a eficácia da ideologia aumentam quanto maior for sua capacidade de ocultar a origem da divisão social em classes e a luta de classes”. (Chauí, 2006, p. 90).

Portanto, internamente aos processos e procedimentos da linguagem até a sua materialidade, funcionam jogos, sejam com contradições, antagonismos e sem a real correspondência e relação com a realidade social. Já que, certos grupos manipulam a realidade conforme seus interesses, e assim ‘criam outras formas de realidades através da ideologia’ e ou falsa consciência nos e dos sujeitos, inclusive no próprio imaginário social e coletivo. Política, linguagem e conhecimento foram cúmplices como instrumentos de poder para a dominação, controle e direcionamento das massas, mas eles também o podem ser para a libertação, emancipação e ou autonomia destes (Duarte, 2023, p.33).

Uma vez que, a ideologia dominante tem conseguido reduzir o ser político e a política para as concepções da massa dominada como sendo sinônimos de partidarismo

político, inclusive que política é o mesmo que instituição partidária. Ou seja, criou-se a ideia de que política e partidarismo são sinônimos. Uma ingenuidade criada ideologicamente (...) (Duarte, 2020, p. 59).

Ora, tais exposições aparentemente tempestivas, não significam que estejamos fazendo apologias ao sujeito cordial celetista e segregacionista, nem tampouco estamos cobrando tais cordialidades e seus excessos do nosso povo para com quem quer que seja. O fato aqui é a seleção da cordialidade como práticas etnocêntricas, eurocêntricas, xenófobas, preconceituosas e ideológicas construídas pela classe dominante para com e sob as classes dominadas. Isso para as influenciarem para com quem a sociedade brasileira deve ser cordial, pouco cordial, muito cordial, excessivamente cordial e não cordial. O excesso da cordialidade para com “os estrangeiros classe A” são os objetivos centrais – ou melhor dizendo, para com uma meia dúzia de países europeus. E quase nenhuma cordialidade doméstica ou com não europeus. E assim fica expresso e evidente a embriagante mania, obsessão, neurose ou obstinação de tal “cordialidade” brasileira, inclusive sendo esta como um produto específico, com marca, destino, exclusividade, direcionamento e manifestação subalterna ou etnocêntrica e xenófoba.

Tais fatos apontam não apenas para nossas relações sociais externas e internas, que, na verdade, nunca foram ou são tão cordiais assim ou como é apresentada para “gringo ver.” E não para “qualquer gringo.” Mas os exclusivos e merecedores de nossa aparente cordialidade, submissão, subalternidade e bajulações, e isso para com os franceses, ingleses, alemães e americanos. Com a massiva cristianização e judaização da população brasileira entre os sécs. XVIII e XXI de nossa era, hoje também há certos excessos de solidariedade, empatia e cordialidade para com o produto Israel. Logo, cada vez mais vai se tornando clara e delineada a nossa suposta e aparente cordialidade. E cordialidade seletiva e segregacionista. Países que a cada dia vão transformando a sociedade brasileira numa grande fazenda para os suprir, mesmo com nossas mazelas, e paralelamente a isso, eles desfrutam de nossas culturas e belezas naturais para os entreterem – isso em detrimento de nossas desigualdades, injustiças, perda de direitos sociais, pobreza e misérias sociais, no qual tiram as possibilidades dos próprios brasileiros de não desfrutarem do próprio país. Eventos que estão intrinsecamente interligados aos processos coloniais do passado e neocoloniais do presente. Logo, estes fatos nos dão certas sensações/impressões, como se estivéssemos retornando ao passado, isso no sentido de estarmos sendo moldados ou reconfigurados, tanto como sociedade quanto como indivíduos, numa espécie de colônia moderna ou em um novo processo colonial em plena globalização.

Ora, não é de espantar que Le Goff (2016) quanto Hirst (2014) tenham afirmado quase que “profeticamente” que a Europa nasceu ou surgiu para levar a civilização e progresso para o mundo. “Quase um papel divino”. Tais afirmações só reforçam o ideal eurocêntrico, etnocêntrico e colonialista dessas nações-países ou continentes, que se autoproclamam com certas determinações divinas e superiores em relação a todos os demais povos, sociedades e culturas, no qual estando fora de círculo “civilizado” europeu, devem ser submetidas ao aprendizado com e pelos europeus. Dessa forma, não seria de se surpreender como boa parte da sociedade brasileira ainda busca se manter debaixo das rédeas dessas mensagens, “profecias” e porque não dizermos, tradições de subalternizações e idealizações pelos europeus, quase que como formas de fetiches ou relações entre sujeitos e objetos, e eles sendo os sujeitos, cultuados por seus admiradores objetificados, como que lhes fossem impressos formas de sentimentos, bem semelhantes a síndrome de Estocolmo (Hobsbawm, 2015, 2016); (Huberman, 1972); (Hall, 2013, 2014).

Voltando a questão do caso da cordialidade brasileira interna ao país ou doméstica, basta apenas citar o antigo e profundo preconceito racial enraizado para com pessoas negras, no qual hoje não sendo mais práticas racistas tão veladas, mas, bem mais abertas e escancaradas aos olhos de todos. Práticas racistas de pessoas comuns à presidentes. E não apenas os racismos internos, mas também os preconceitos, os etnocentrismos e as inúmeras outras fobias sociais em relação ao outro dentro da própria sociedade e cultura do Brasil. Nossas sociedades em geral sabem exercerem várias “performances” quanto a isso, digo a cordialidade e a não cordialidade. Trazemos paradoxos, antagonismos, contradições e complexidades desde mestiços que se acham puros quanto a “latinos” que se consideram um tipo de europeu – ainda que não com pedigree ou com pedigree de X categoria. Nossa sociedade é realmente complexa, neurótica, preconceituosa e dada aos diversos mitos (Rocha, 1996, Duarte, 2020, 2022, 2023; Lévi-Strauss, 2010; Castro, 2018; Diwan, 2017). “Aqueles que são diferentes do grupo do “EU” – os diversos “OUTROS” deste mundo (ou país) –, por não poderem dizer algo de si mesmos, acabam representados pela ótica etnocêntrica e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados grupos e momentos (Rocha, 1996, p. 15)”.

E o que dizer dos preconceitos entre as classes, a aporofobia e as síndromes de madames e senhores doutores? Poderíamos ainda inferir e refletir como inúmeras patroas tratam suas empregas domésticas; assim como os moradores de condomínios tratam os funcionários do prédio, quase que como seus serviçais — além de trabalhadores subalternos em instituições públicas e privadas serem em muitos casos quase que resumidos a servos particulares. Abusos, desrespeitos, violências etc. E assim nossa aparente cordialidade além de ser revelada o que é, e como é ou se comporta, também se mostra como prática objetivada, classista, intencional, de interesses, segregacionistas, objetificadora do outro e excludentes (Hall, 2013, 2014); (Marx & Engels, 2005, 2006, 2008, 2011, 2012, 2014).

Podemos então observar que, o ser cordial brasileiro foi e é um produto. Possui contextualidade e suas especificidades. Não sendo uma prática geral, social ou social comum, nem tão pouco como cultura nacional, mas sim como um produto construído nos processos de colonização pelos europeus e nas relações de aculturação. Assim também como, em e por meio de muitas de nossas instituições. Mas, o que essas manifestações e comportamentos tem a ver com “a mulher ou o homem de malandros?”⁸ Inclusive com relações Internacionais, Aproximações Masoquistas e com algum tipo de Síndrome de Estocolmo? Talvez Freud (2011, 2013 A-B, 2014, 2015, 2017 A-B) nos inspire em algumas relevantes reflexões, e quem sabe em possíveis respostas para tais indagações.

Ora, as exposições acima além de serem bastante reveladoras de tais categorias mencionadas e seus respectivos casos factuais, sejam implícitas ou explícitas, indiretas ou diretas, tais comportamentos refletidos dos supostos sujeitos cordiais que não são realmente cordiais, mas sim cordiais para alguns “gringos” exclusivos verem – servem como uma espécie de amostra da própria realidade social, cultural e de relações domésticas brasileiras, bem como suas diferenciações conforme os países e sujeitos estrangeiros. Digo aqui a origem deste, sua etnia, condições sociais, de aparência etc. Aqui há a cordialidade seletiva.

⁸ Esses termos serão trabalhados, esclarecidos, problematizados e utilizados como analogias, alegorias e metáforas para falarem de relações mais amplas e complexas. Portanto, não há como os compreenderem com juízos de valores ou preconceitos arraigados pré-existentes ou construídos. Ou seja, é necessário a “utilização de termos e representações da linguagem “popular” e seus jogos” para expor relações políticas em nível micro, macro (marcadores – ideológicos) e global. Logo, o trabalho realiza o esforço de inversão, conversão e dialética do termo, o problematizando e o atravessando por críticas sutis e de suas representações polêmicas como produto das classes dominantes para com e sob as classes dominadas.

Já que é um fato que mesmo um sujeito negro, asiático ou oriental sendo euramericano ao pisar em solo brasileiro, irá ser tratado conforme os jogos das relações que configuram os processos e dinâmicas da prática de cordialidade no país. Ou seja, receberá o tratamento de acordo com escalas como: biotipo, cor de pele, aparência física, vestimentas, demonstração socioeconômica etc. Tais fatos só problematizam nossa suposta cordialidade. Que foi produzida sob nós por nossos colonizadores.

Após se observar e refletir em todas as exposições e fatos correspondentes com a realidade brasileira e em grande maioria de comportamentos, isso sobre o sujeito “cordial” brasileiro, podemos recordar e relacionar com certas andanças, percepções e experiências pelo Brasil. E eu realmente até hoje não consigo entender o que muitas pessoas pelo país querem dizer sobre racismo, quando mencionam: “a minha empregada é negra, é uma senhora negra, viu os meus filhos nascer, crescer etc.” Não sei realmente o que isso significa. Ou o que quer dizer ou demonstrar. Mas voltemos essas questões, manifestações e comportamentos com suas relações para com “a mulher de malandro”. Já que a suposta/aparente cordialidade brasileira pode conter certas aproximações masoquistas e com algum tipo de Síndrome de Estocolmo. E revelar bastante sobre nossas percepções, relações e comportamentos nas dimensões políticas, sociais, culturais e de relações nacionais e internacionais.

A CONSTRUÇÃO DO MALANDRO BRASILEIRO, SUAS CONTRADIÇÕES, ANTAGONISMOS, PARADOXOS E A APARENTE “CORDIALIDADE BRASILEIRA”

As elites e as classes médias e médias altas brasileiras, foram quem criaram as caricaturas, estereótipos, elementos e características do “malandro/malandragem ou malandros brasileiros”. E não apenas os deram um tipo de “identidade, padrão, personalidade e formato, como também os estigmatizavam ou os romantizavam via empresas de comunicação e telecomunicações do país, isso através e por meio dos rádios, rádios-novelas e mais tarde pelas emissoras de televisão e suas programações (inclusive, é importante dizer, que tal figura do malandro, também foi desenvolvida até mesmo em várias obras literárias, isso desde os séculos XIX). Onde o sujeito malandro/malandragem geralmente era associado e relacionado ao indivíduo homem, negro, pardo, pobre e ou miserável, morador de cortiços, morros, comunidades pobres e favelas do país. O Rio de Janeiro, infelizmente acabou sendo marcado com tais adjetivos e ganhando destaque nesses quesitos de adjetivações e conceitos, adjetivações que geralmente eram originárias/oriundas tanto das elites e classes médias altas do país quanto de outros estados para com a população do Rio de Janeiro, até porque este, nesses contextos era a Capital do país, sendo desde 1763 aos anos de 1960. E tudo isso contribuiu para e na construção de tal adjetivo/categoria nesse estado e seus contextos sociais, culturais, políticos, religiosos e econômicos, mas, a tal adjetivação já era quase que nacional/nacionalizada no limiar do século XX. Para compreendermos tais processos sociais e como suas simbologias carregadas de estigmas e estereótipos, tanto Bourdieu (2003, 2006, 2012) quanto Almeida (2016), Jorge (2003), Barreto (2022), Antônio (2004), Cândido (2016) e tantos outros, podem complementar essas exposições mencionadas. Uma vez que, a construção da figura, imagem, símbolos, características e nuances do malandro/malandragem brasileira oscilou por mais de um século, entre a caricatura do espertalhão, dos subversivos, suspeitos, rebeldes, vagabundo= a não trabalhador ou =desempregado e ou sem carteira assinada (como observamos exemplos no início do trabalho); assim como também caracterizou e representou o criminoso, o traficante etc. E com isso, tanto a literatura quanto os meios de comunicações dos

séculos XIX e XX do país – passaram a explorar tal figura controversa, polêmica, contraditória e sobretudo, como originária das camadas populares, pobres, miseráveis e fundamentalmente entre ex-escravos, negros, pardos ou descendentes desses, os mestiços em geral e oriundos das classes trabalhadoras. Sendo assim, a figura e representação do malandro/malandragem seguiu dois rumos na sociedade e cultura brasileira: o pejorativo-negativo e o glorificador ou enaltecido-positivo. Os primeiros sendo como os vagabundos e criminosos, e os segundos como os espertalhões, resistentes, resilientes e “de jeitinhos brasileiro”. Entretanto, essas eram/são caricaturas e estereótipos criados, explorados e configurados pelas classes médias, médias altas e elites brasileiras, tanto num tom romanesco quanto deturpador dos sujeitos das classes proletárias, ou seja, sobre e para com as classes de trabalhadores pobres do país, fundamentalmente para com o homem negro e pardo brasileiro. Ou seja, através disso, vários sujeitos dessas próprias classes e etnias passaram a se identificarem com os termos e se associá-los a eles, direta e ou indiretamente, tanto a uma das nuances/vertentes quanto a outra, digo a positiva quanto a negativa. Porém, esses sujeitos não sabiam, talvez, quanto possam ainda não saberem, também talvez, que tais caricaturas do malandro brasileiro é um categorizador e estigmatizador não apenas racista, sexista e machista, mas também político e ideológico, quase que eugênico-racial-étnico. Isso porque se brincam com todo o sofrimento das classes trabalhadoras ou proletárias, fundamentalmente com o do homem negro e pardo. Como se eles nascessem com “a marca e estigma do malandro/malandragem.” O problema é tão sério ou grave, que quando grupos de extermínios ou milícias armadas entram nas comunidades pobres, morros e favelas e assassinam dezenas de pessoas inocentes e trabalhadores, além “das balas perdidas ou achadas” para eles e seus filhos, os autores de tais crimes se sentem impunes, isso porque em suas consciências sociais, coletivas, classistas e elitistas estão eliminando “malandros” e seus descendentes. Uma vez que, como constatado acima dos dados do IBGE sobre sujeitos pobres, miseráveis, negros, pardos e relacionados com escolarização e encarceramentos no Brasil, casos de assassinatos em comunidades se tornam meros fatos normais e naturais numa sociedade que romantizou e criminalizou o malandro o associando a tais povos, etnias e suas condições sociais, culturais e econômicas. Todo esse jogo ideológico, linguístico, real e materializado nas práticas de relações sociais no/do país, além de serem perversos, também o são, profundamente sádicos. Enfim, a mulher de malandro aqui no texto não é uma afronta, piada ou provocação para com as mulheres brasileiras, sobretudo as negras e pardas, o termo também não é piadista ou dramatizador, mas é um alerta de que a mulher do malandro em nossas interpretações da realidade social, também é uma mulher trabalhadora que tem seu companheiro preso por qualquer motivo. E se ele mesmo sendo inocente sobre algum crime ou algo que lhe é imputado como ilícito, e ainda assim sendo enquadrado como malandro pelas relações sociais e culturais que construíram tal figura, caricatura e emblema do malandro, que tem cor, etnia e origens socioeconômicas, tão logo, tais mulheres ligadas a esses homens, serão também tidas ou consideradas como mulheres de malandro, não por nossas interpretações, mas nas entrelinhas das relações sociais e suas dinâmicas imaginárias e psíquicas. Poderíamos citar inúmeros exemplos e fatos sobre como mulheres pobres, negras e pardas são interligadas nesse emaranhado e suas construções classistas, racistas, estereotipadas e segregacionistas (Duarte, 2020, 2022, 2023); (Mattoso, 1999); (Linhares, 2000).

Desse modo, poucos sabem que o suposto malandro inicialmente não se referia ao sujeito “criminoso” ou ao bandido na e da atualidade. Bandido, criminoso e malandro não eram/são sinônimos. Foi a classe dominante conjuntamente com certa parcela da classe média quem foram construindo quanto forçando a unidade, correspondência, configuração e relações

entre os termos malandro, bandido e criminoso – transformando-os num só ou quase em sinônimos (vimos isso nos processos da construção da figura, característica e identidade “do ser malandro”, bem como de onde eles surgem, tanto o termo quanto a imagem, suas representações e correspondências). Isso para adjetivarem, categorizarem e enquadrarem as classes mais pobres e miseráveis, com seus trabalhadores, empregados e seus desempregados. Para que assim o “malandro=astuto etc., fosse visto como “vagabundo”, bandido-criminoso. Deixando estes dois últimos à parte, nos foquemos especificamente no malandro desassociado do bandido e criminoso – já que este termo e suas representações já passaram por várias transformações e mudanças no cenário social, cultural, político, econômico e histórico brasileiro. O termo “malandro” é fulcral na discussão do trabalho em tela.

Portanto, o termo malandro não apenas tem contextos, sentidos, significados, simbologias e tipologias próprias e específicas (eram vastos), inclusive não se referiam em suas origens aos criminosos em geral, seja traficantes e outros tipos de meliantes. Mas sim aos trabalhadores da época e contexto do surgimento e florescimento do termo, sendo o “malandro” também o sujeito que sabia viver e conviver com seus dilemas, sofrimentos e conflitos sociais — no ditado popular: aqueles sujeitos que sabem entrar e sair de qualquer lugar e situação, bem como aos sujeitos de vida boemia, dadas e deixadas a vida pelos trabalhos artísticos e a sua própria sorte — a exemplo, os sambistas e pagodeiros dos morros e comunidades cariocas, no qual cresci, e que nos anos 70 a 80 estes ainda eram perseguidos, adjetivados, categorizados e enquadrados como malandros=vagabundos=bandidos=criminosos (muitos eram empregados e até funcionários públicos), fatos que vinham desde os séculos XIX.⁹ Hoje alguns desses fazem parte de “certa cultura clássica e artes nacional. Muitos artistas e esportistas passaram pela “fama de malandro”. Mas, conforme Bagno (2011, 2015) quanto Chauí (1980), Citelli (1990) e Fiorin (1994) as palavras mudam dentro da linguagem para atender a determinados grupos, interesses, objetivos e também para segregar, excluir, incluir ou marginalizar e estigmatizar. Portanto, já podemos observar até o momento, como esse termo além de ser multifacetado e com várias nuances, ele também o é polêmico, controverso e problemático. Mas, continuemos a explorar suas facetas sociais.

Sendo assim, se incluíam também como “malandros” os amantes e jogadores de futebol não profissional (às vezes até mesmo os semiprofissionais), os sujeitos supostamente tidos como vadios, e sobretudo o malandro que vivia às custas da mulher, de uma ou várias mulheres, quase beirando a um tipo de “gigolô”. Nesses contextos já havia a prática da violência doméstica contra as mulheres, mas por inúmeros motivos, causas e fatores, essas permaneciam com tais companheiros ou maridos — mesmo em muitos casos elas sofrendo ou sob abusos e violências diversas. Poderíamos realizar certa digressão desses fatos na esteira social, cultural e histórica brasileira. Mas por objetividade nos localizaremos a partir do início do século XX de nossa era, a atualidade.

Dessa forma, havia também o malandro que era adjetivado e categorizado pelas camadas dominantes e certa classe média vigia e “policial” das dominantes – no qual exercia a vigilância, o policiamento, a adjetivação, a categorização e perseguição aos sujeitos das classes trabalhadoras desempregadas por algum motivo, onde eram denominados de vadios e

⁹ Vimos anteriormente como homens negros, pardos, pobres e moradores de morros e comunidades eram tratados simplesmente por não terem ou terem calos nas mãos. Também verificamos a realidade prisional e escolar dos homens e mulheres negros, pardos e pobres do país. Ou seja, suas duras realidades de sobrevivência já marcadas e determinadas pela cor da pele, etnia e origens sociais, culturais e econômicas. Inclusive como o termo “malandro” surge.

malandros. Malandros por não terem um emprego, emprego fixo ou uma carteira de trabalho assinada, como se isso fosse sinônimo de “cidadãos de bem”, trabalhadores, de honestidade, empatia, justiça e assim por diante. Ou seja, o não ter uma carteira de trabalho assinada, era ser um vadio e malandro. Vale dizer que homens negros, pardos e mestiços eram os que mais sofriam tanto com tais categorizações, adjetivações e das práticas oriundas das referidas para com o malandro/malandragem.

E observe que nem mesmo fizemos um retrocesso, regressão ou digressão etimológicas, étnicas e culturais do termo com seus variados sentidos, significados e representações. Mas, no contexto brasileiro ela começa a surgir por volta dos séculos XIX-XX de nossa era e na transição de um Brasil império para o republicano, logo, o termo vai surgindo como uma maneira de adjetivar e categorizar os negros, indígenas e mestiços desempregados ou que não faziam as coisas exatamente ou conforme exigiam as camadas sociais dominantes e que se sentiam superiores, ou com meio pedigree (Lévi-Strauss, 2010); (Castro, 2018); (Diwan, 2017); (Hall, 2013). Apontando aqueles tais desobedientes/insubmissos/insubordinados como vadios, indolentes, preguiçosos, inconsequentes, desobedientes, espertalhões etc. – Porém, tudo isso pela percepção das classes dominantes e suas ideologias de dominação e controle do e sobre o outro – e assim o malandro é e era o outro, o das classes dominadas, e não os dominadores e colonos. Mais adiante retomaremos alguns desses aspectos e relações deixando alguns autores darem vozes a tais relações entre colonizadores e colonos para com os colonizados e escravizados. E assim, o leitor observará como e de onde parte as categorizações de insolente, vagabundo, preguiçosos, desobediente, esperto, vadio e malandros.

Assim sendo, se verifica que, o suposto malandro e o termo possuem contextos e especificidades diversas. Porém, na atualidade malandro engloba muitos sujeitos, aspectos, práticas etc. Sobretudo para adjetivar e categorizar sujeitos criminosos ou ligados a este. Já a suposta frase “mulher de malandro” passou a representar, significar e apontar mais exclusivamente para mulheres que viviam sob abusos e violências domésticas, e ainda assim continuavam amando, se sujeitando, se subjugando e defendendo tais companheiros, amantes, maridos ou parceiros amorosos. E já observamos que não significam apenas isso ou essas interpretações, pois mulher de malandro na concepção e percepção vertical, classista, racista, etnocêntrica e com a finalidade a qual foi criada, produzida, adornada e abarcada, abrange as mulheres de homens pobres, negros, pardos e desempregados – ou que não possuem uma carteira de trabalho assinada. Enfim, a abrangência do termo foi criada para enquadrar, segregar, adjetivar, classificar e excluir. O trabalho em tela já expôs esses detalhes.

Logo, a “famosa” frase ser ou agir “como mulher de malandro” já foi elemento de composições musicais, poesias etc. Mesmo sob muitas contestações e críticas sobre a frase, suas paráfrases, sentidos, analogias, significados, símbolos, metáforas e preconceitos, ela ainda é utilizada e reutilizada nos contextos sociais brasileiros. Ou seja, ela transita entre a realidade local, contextual e nacional, assim como adentra pelas linguagens da política, das artes, da academia, da segurança pública e assim por diante. Essa frase na contextualidade brasileira é passível de inúmeras interpretações, reflexões profundas, analógicas, alegóricas e com suas metáforas. E aqui nos debruçaremos em alguns aspectos. Fundamentalmente no que diz respeito a questão política, de relações sociais internas ao e no país, bem como as relações políticas e econômicas internacionais. Sobre as reflexões, construções e discussões linguísticas e da linguagem cultural da população brasileira, suas línguas, variações, sentidos, significados, signos e símbolos em seu português e suas “multiformas” que iremos nos deter a seguir, Bagno (2011, 2015) quanto Laplantine (2008), Laraia (2005), Chauí (1980), Citelli (1990), Fiorin

(1994), Gancho (1993) e Marcondes (2019) nos foram cruciais para compreensão dos e nos jogos de linguagens numa cultura, no caso aqui a brasileira, suas táticas de persuasão, ideologias, contradições e mensagens. Sobre isso nos diz Citelli,

Há uma enorme série de exemplos de instrumentos, ou até mesmo produtos de consumo, que perderam seu sentido inicial para se transformarem em signos: ou seja, passaram a funcionar como veículos de transmissão de ideologias. O pão e o vinho para os cristãos, a balança para a justiça, a maçã para o pecado, a pomba para a paz etc. É possível, contudo, em qualquer desses exemplos, saber até onde existe instrumento, ou produto de consumo, e onde começa o signo; numa palavra, estamos diante da passagem do plano denotativo para o plano conotativo. O pão, enquanto tal, denota um alimento; porém, no contexto do rito religioso, passa a conotar o corpo de Cristo. Para aduzirmos mais uma observação às considerações realizadas até aqui, convém lembrar que o signo nasce e se desenvolve em contato com as organizações sociais. O signo só pode ser pensado socialmente, contextualmente. Sendo assim, cria-se uma relação estreita entre a formação da consciência individual e o universo dos signos. Só podemos pensar a formação da consciência dentro de um prisma concreto, derivado, do embate entre os signos (Citelli, 1990, p. 41).

Com isso, o termo passou a ser popularizado e transferido também para muitas outras esferas, práticas e relações de abusos e violências, e não abarcando apenas mais as relações de violências e de dependências emocionais envolvendo homens e mulheres,¹⁰ mas sim a qualquer sujeito, condições socioeconômicas, idade etc. Apenas dois exemplos sobre isso: o famoso funcionário “bajulador” que sofre sob o julgo do patrão, mas que continua como um certo tipo de capacho, leal, obediente, submisso, cordial e não o denuncia também passou a ser considerado, denominado e adjetivado com tal termo, sentidos, significados, simbologias, analogias e metáforas intrínsecas a ele: “a mulher de malandro.” Assim como o político que explora, maltrata, violenta, expõe, ridiculariza e castiga aberta e objetivamente uma sociedade, público e eleitorado, mesmo assim esses continuam leais a ele, submissos, obedientes e convivendo com os inúmeros abusos e violências de seu perpetrador/ídolo. A esses também são designados o termo ou adjetivo como sendo “mulheres de malandro”.

A partir desse momento deixaremos “o malandro” “em seu sentido original” como esperto, sagaz, subversivo e outros – para nos determos ao termo no sentido mais estreito que as classes dominantes e médias foram enquadrando as massas dominadas e relacionadas com tal termo. Logo, nos deteremos no “malandro” que eles configuraram – o bandido, o criminoso, o espertalhão, o perverso, o violador, o agressor e assim por diante. E assim, utilizaremos o termo com o imaginário social, categorização, simbologias e representações que eles foram construindo para com e sob as camadas populares – fundindo “os vários tipos de malandros” “em um tipo de malandro”. Eles fizeram isso. E assim refletiremos no malandro de modo mais amplo, no sentido macro e também no âmbito político, colonial e de relações sociais e internacionais. Ou seja, iremos acatar e seguir a perspectiva da terminologia “malandro” conforme as construções, ideologias, estigmas e objetivos das classes dominantes. E assim, fazer a aplicação do termo para com eles. Sim, é isso mesmo. Renunciaremos aos sentidos

¹⁰ Inclusive também foi agregando-segregando outros sujeitos, relações sociais etc. Mas é importante deixar claro que, a construção, figura, imagem e elementos que caracterizam o malandro/malandragem de modo estereotipado, violador, segregacionista, racista e dentre outros, não se desassociou do homem negro, pardo e mestiço. É como se eles fossem os emblemas ou símbolos dessa construção conceitual e sua imagética. E que sempre é/será um problema. Um infeliz problema, já que estes sujeitos tiveram seus corpos, imagens, etnias e origens socioeconômicas originários das classes proletárias, tornados como modelos para a constante modelagem do malandro/malandragem, inclusive do que é ser.

anteriores dados as camadas populares e deixaremos o sentido mais estreito como criminoso/violador/agressor/bandido/genocida etc., nos guiarem e “fazerem o serviço” do objetivo da temática e construto em tela. Ou seja, o de demonstrar as várias síndromes, etnocentrismos, xenofobias, preconceitos e estereótipos arraigados em nossas elites, classes dominantes, médias etc.

Sobre aquele “malandro” violador, agressor, violento, talvez explorador e criminoso, aquele do sentido talvez machista ou sexista - O que é importante dizer aqui — é que tudo isso significa que continuar a viver, conviver e permanecer vivendo e ligado a inúmeras práticas abusivas e violentas com e entre um agressor e uma vítima (ou várias), o ofensor e o ofendido, o violador e o violado, o violentador e o violentado, é possível de que haja algum problema psicoemocional envolvido, tanto Freud quanto Foucault de formas diferentes, exploraram esses tipos de relações em várias de suas obras (não nos referimos aqui a questões sobre normal e anormal, mas sim a relações que envolvem agressores-colonizador e vítimas-colonizadas pelas dependências construídas) (Duarte, 2020, 2022, 2023). Logo, tais relações, práticas, manifestações, associações e analogias podem ser estendidas para vários tipos, modos e formas de relações sociais e culturais na sociedade brasileira e seus respectivos contextos. Ou seja, do aspecto e exemplo pessoal ao coletivo, do social ao político, do nacional ao internacional, do micro ao macro e assim por diante. Portanto, várias relações sociais podem ser abarcadas pelo referido termo/conceito devido a suas inúmeras nuances e facetas. Sendo assim, reduziremos a partir desse momento “o malandro” violador, agressor, violento, talvez explorador e criminoso com suas práticas e relações de convivência/convivendo, e os interligando a uma vítima (ou várias), com e entre tais práticas, entre o ofensor e o ofendido, o violador e o violado, o violentador e o violentado. No qual pesquisas nos apontam para alguma forma de distúrbios nesses e dessas relações. Lembrem-se, todas as construções, idealizações, caracteres e formação da figura do malandro são verticalizadas, classistas e racistas. Ou seja, são estereótipos da imaginação e ideologia das classes dominantes para com/sobre as classes dominadas. Hall (2013, p. 32) já nos esclarece que representar significa “simbolizar uma coisa, descrevê-la, retratá-la, trazê-la à tona na mente pela imaginação e imagens, produzir uma semelhança, relações e dar sentidos e significados. Portanto, é preciso ficar claro que os termos malandro/malandros não são produtos do povo. Mas sim, criados para enquadrarem o povo proletário. Logo, não seria de se espantar, que tais tipos, modos, formas e práticas de relacionamento social, cultural, afetivo, comercial e até mesmo apaixonado ou amorosos já foram parar em obras artísticas, debates acadêmicos, páginas ou colunas policiais, consultórios médicos e psiquiátricos, em artigos científicos especializados em saúde mental e assim por diante. Assim, cabe reforçar que não há apenas um tipo e modo de figura e representação do/de malandro e “da aparente e suposta mulher de malandro.” (Vimos que há várias formas, tipos, configurações e representações dessa polêmica e complexa figura. Desde o pejorativo e negativo ao romântico e enaltecido de tal imagética conceitual (Autor, 2022); (Freud, 2011, 2012, 2014, 2015); (Hall, 2013, 2014, 2016); (Bourdieu, 2003, 2006, 2012); (Wagner, 2016). Para complementar essas discussões sobre construções ideológicas e suas práticas, mesmo que contraditórias, controversas e até mesmo polêmicas e antagonicas, Hall (2014) nos traz importantes contribuições e reflexões sobre as relações entre esses agentes de manipulação, poder e controle e suas práticas até mesmo paradoxais: sejam pela ideologia quanto pelo estado como instrumentos e seus mecanismos de dominação, ordem, disciplina, persuasão e domesticação de sujeitos, mentes e corpos, isso para fazerem as massas aderirem aquilo que a classe dominante impõe como cultura, padrão, percepção, categoria, adjetivos e LEI MAIOR,



o que inclui a construção da figura do “malandro”, que se torna uma espécie de “faca de dois ou vários lados/cortes (Wagner, 2016),”

Numa série de estudos, Foucault produziu uma espécie de "genealogia do sujeito moderno". Foucault destaca um novo tipo de poder, que ele chama de "poder disciplinar", que se desdobra ao longo do século XIX, chegando ao seu desenvolvimento máximo no início do presente século. O poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que "policiam" e disciplinam as populações modernas — oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas e assim por diante (veja, por exemplo, História da loucura, O nascimento da clínica e Vigiar e punir). O objetivo do "poder disciplinar" consiste em manter "as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo", assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar, sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas "disciplinas" das Ciências Sociais. Seu objetivo básico consiste em produzir "um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil" (Dreyfus e Rabinow, 1982, p. 135).

O que é particularmente interessante, do ponto de vista da história do sujeito moderno, é que, embora o poder disciplinar de Foucault seja o produto das novas instituições coletivas e de grande escala da modernidade tardia, suas técnicas envolvem uma aplicação do poder e do saber que "individualiza" ainda mais o sujeito e envolve mais intensamente seu corpo (HALL, 2014, p. 26).

Portanto, é preciso frisar bem que, os termos malandros são estereótipos das imaginações, construções e ideologias das classes dominantes para com/sobre as classes dominadas. Logo, os termos malandro/malandros não são produtos do povo. Mas sim, criados para enquadrarem os trabalhadores pobres. Sobretudo homens negros e mestiços. E o trabalho em tela além de refletir sobre tais termos e problematizá-los, também busca subvertê-los, invertê-los e direcioná-los para suas reais direções e origens ideológicas (Severino, 1986; Hall, 2013; Duarte, 2024). Já que na atual dinâmica nas relações do termo, os supostos malandros por detrás dele, na verdade, são vítimas de violências simbólicas e concretas (Bourdieu, 2012; Hall, 2013). Se é preciso subvertê-los e redirecioná-los.

Mas, antes de adentrarmos na história a seguir (numa perspectiva de/sobre a “mulher de malandro”), façamos uma breve reflexão de malando e quem ele realmente poderia ser, termo esse cunhado (sendo= preguiçoso/vagabundo) pelos colonizadores, colonos e classes dominantes do/no Brasil dos séculos XIX-XX, isso para categorizarem escravos, ex-escravos e trabalhadores negros (possivelmente também indígenas) em geral. Ouçamos as vozes e percebamos quem são/podem ser os verdadeiros malandros da e na história do país e de outras colônias fora do Brasil. Enfim, nos atentemos aos resquícios historiográficos entre relações do dominador e opressor para com os dominados e oprimidos. Após isso, nos envolveremos em outra perspectiva de malandro com a história de Genaro e Gertrude. Antes, escutemos e encontremos os malandros, se é que eles existam:

Quanto mais alto ela gritou ou gritava, mais ele a chicoteou; e onde o sangue correu mais rápido, ali ele chicoteava mais demoradamente, diz Douglas sobre as chicotadas em sua tia pelo sr. Plummer. Ele a chicoteava para fazê-la gritar, e a chicoteava para que ela ficasse quieta; e ele somente pararia de bater no couro dela coberto de sangue, quando vencido pelo cansaço [...] Foi um espetáculo terrível". Frederick Douglass,

N111mtive ofthe life ofFrederick Douglass op. cit., p.s1. Sobre o assassinato aleatório de escravos, ver pp. 67-68. (Apud, Mbembe, 2018, p. 29).

As surras não encerravam o castigo dos escravos. Depois de cumprida a pena eles deveriam ser vigiados com rigor pelos senhores, que eram obrigados a assinar termos de responsabilidade pelo comportamento futuro dos escravos presos e punidos. Além disso, muitos destes, talvez a maioria, tiveram de usar, às custas dos proprietários, uma pesada armação de ferro em forma de cruz em tomo do pescoço — método como se costumava punir escravos que fugiam. Outros foram obrigados a usar correntes nos pés. O período desse castigo adicional variava de um condenado para outro. O escravo nagô Luís, que mencionamos há pouco, carregou essa coisa no pescoço durante 15 dias. O escravo Joaquim sofreu 600 açoites e seu senhor só o recebeu após se obrigar a “trazê-lo com uma calceta no pé pelo espaço de dois meses”. O mestre malê Luís Sanim teve sua sentença de morte atenuada para 600 açoites e o uso do “colar” durante dois anos. José Monteiro pôs ferros em seu escravo Manoel, e 1000 açoites, durante o tempo em que este residisse na província (Reis, 1992, pp. 281-282).

Os açoites eram dados em número de 50 cada dia, “por tantos dias quantos bastem para sofrer o número cominado na sentença... salvo, porém o risco de vida”. O sofrimento das vítimas era vigiado de perto por guardas armados e cuidadosamente acompanhado por oficiais da justiça e o escrivão do tribunal, que tomava notas diárias de nomes, datas e número de chicotadas. Vez por outra os sentenciados recebiam a visita de um médico, que examinava suas condições de saúde e recomendava ou não a suspensão temporária do castigo. Os relatórios desses médicos são um testemunho chocante do estado em que ficavam os torturados. No dia 2 de maio de 1835 o doutor José Souza Brito Cotegipe informou ao juiz municipal do crime, Caetano Vicente de Almeida: só achei dois que estão em estado de poderem continuar no cumprimento das mesmas sentenças achando-se todos os mais impossibilitados em razão das grandes ulcerações que ainda existem abertas nas nádegas (Reis, 1992, p. 270).

(...) Será preciso crer na prática dos índios, de torcer uma perna dos filhos imediatamente após o seu nascimento, para que mancassem por toda a vida, e assim ficassem isentos do serviço obrigatório nas minas? Não quero entrar nesse terreno, bastante complicado (...) (Romano, 1995, p. 124).

A vida do escravo, em muitos aspectos, é uma forma de morte-em-vida. Como sugere Susan Buck-Moiss, a condição de escravo produz uma contradição entre a liberdade, de propriedade e a liberdade da pessoa. Uma relação desigual é estabelecida ao mesmo tempo em que é afirmada a desigualdade do poder sobre a própria vida. Esse poder do senhor sobre a vida do outro assume a forma de comércio: assim, a humanidade de uma pessoa é dissolvida até o ponto em que se torna possível dizer que a vida do escravo é propriedade de seu senhor. Dado que a vida do escravo é como uma “coisa”, possuída por outra pessoa, sua existência é a figura perfeita de uma sombra personificada (Mbembe, 2018 pp. 29-30).

(...) Mesmo se não quisermos atribuir importância ao fato de que durante 250 anos, só na mina de Potosí, morreram alguns milhões de índios, é mais importante observar, aqui, que o conjunto da economia americana continua, embora os anos da verdadeira conquista já teriam passado, sob a égide dos mesmos princípios que haviam regido a economia fundada pelos conquistadores (Romano, 1995, p. 72).

A cidade do colonizado [...] é um lugar de má fama, povoado por homens e mulheres de má reputação. Lá eles nascem, pouco importa onde ou como; eles morrem lá, não importa onde ou como. É um mundo sem espaço; os homens vivem uns sobre os outros. A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos ou calçados, de carvão e de luz. A cidade do colonizado é uma vila agachada,

é uma cidade ajoelhada diante do colonizador (Fanon, 1991, p. 39 apud Mbembe, 2018, p. 41).¹¹

Quantas cidades arrasadas, quantas nações exterminadas, quantos milhões de povos passados a fio de espada, e a mais rica e bela parte do mundo transtornada pela negociação de pérolas e de pimenta: vitórias mecânicas. Nunca a ambição, nunca as inimizades públicas incitaram os homens, uns contra os outros, a tão horríveis hostilidades e a calamidades tão miseráveis (Romano, 1995, p. 105).

O almirante Colombo encontrou, quando descobriu esta Ilha Hispaniola, um milhão de índios e índias... dos quais, e dos que nasceram desde então, não creio que estejam vivos, no presente ano de 1535, quinhentos, incluindo tanto crianças como adultos, que sejam naturais, legítimos e da raça dos primeiros índios... Alguns fizeram esses índios trabalharem excessivamente. Outros não lhes deram nada para comer como bem lhes convinha. Além disso, as pessoas desta região são tidas naturalmente tão inúteis, corruptas, de pouco trabalho e valor, melancólicas, covardes, sujas, de má condição, mentirosas, sem constância e firmeza... Vários índios, por prazer e passatempo, deixaram-se morrer com veneno para não trabalhar ou se matam de outras formas. Outros se enforcaram pelas próprias mãos. E quanto aos outros, tais doenças os atingiram que em pouco tempo morreram... Quanto a mim, eu acreditaria antes que Nosso Senhor permitiu, devido aos grandes, enormes e abomináveis pecados dessas pessoas selvagens, rústicas e animais, que fossem eliminadas e banidas da superfície terrestre... (Grifos nosso) (Romano, 1995, p. 89).

(...) No período de dominância das relações sociais do tipo senhorial-escravista, o problema de garantir a submissão do produtor direto estava resolvido, no universo legal, pela condição de propriedade privada deste produtor - isto é, o trabalhador escravo - e, na prática cotidiana de vida, o controle social do escravo era obtido por um equilíbrio dinâmico entre a aplicação do castigo exemplar e a adoção de medidas paternalistas por parte do senhor - medidas estas que, numa leitura talvez mais plausível, eram reivindicadas e conquistadas pelos escravos. Neste contexto, as atividades do produtor direto eram bastante desqualificadas socialmente, na medida em que se associavam diretamente à situação degradante do cativo.

Assim, a perspectiva do fim da escravidão colocava para os detentores do capital a questão de garantir a continuação do suprimento de mão-de-obra, e tal objetivo só poderia ser alcançado caso houvesse uma mudança radical no conceito de trabalho vigente numa sociedade escravista. Era necessário que o conceito de trabalho ganhasse uma valoração positiva, articulando-se então com conceitos vizinhos como os de "ordem" e "progresso" para impulsionar o país no sentido do "novo", da "civilização", isto é, no sentido da constituição de uma ordem social burguesa. O conceito de trabalho se erige, então, no princípio regulador da sociedade, conceito este que aos poucos se reveste de uma roupagem dignificadora e civilizadora, valor supremo de uma sociedade que se queria ver assentada na expropriação absoluta do trabalhador direto, agente social este que, assim destituído, deveria prazerosamente mercantilizar sua força de trabalho - o único bem que lhe restava, ou que, no caso do liberto, lhe havia sido "concedido" por obra e graça da lei de 13 de maio de 1888 (Chalhoub, 2005, pp. 47-48).

É, portanto, sobre o antagonismo do trabalho assalariado versus capital que se erguerá o regime republicano fundado em 1889, regime este que tinha como seu projeto político mais urgente e importante a transformação do "homem livre" - fosse ele o imigrante pobre ou o ex-escravo - em trabalhador assalariado. Na verdade, o regime republicano não é o detonador deste projeto de transformação do homem livre em

¹¹ O fragmento é uma constatação e reflexão de Frantz Fanon (1991) sobre a história colonial africana e que ainda sofre com as consequências e novos flagelos dos colonizadores, só que agora o são euroamericanos. E que Mbembe (2018) faz as mesmas infelizes e tristes constatações. Ou seja, as desgraças da colonização, seus processos, procedimentos e consequências ainda residem na contemporaneidade, isso desde o séc. XV ao XXI de nossa era.

trabalhador assalariado, pois tal projeto já se desenha nitidamente desde pelo menos em meados do século XIX, quando a supressão definitiva do tráfico de escravos é acompanhada quase que simultaneamente por leis que regulamentam o acesso à propriedade da terra - leis estas que, na prática, vedam “ao homem livre” e pobre a possibilidade de se tornar um pequeno proprietário.” Desde a década de 1850, então, quando a questão da transição do trabalho escravo para o trabalho livre já se colocava de forma incontornável para os diversos setores da classe dominante, delineia-se uma política clara de condicionar esta transição a um projeto mais amplo de continuação da dominação social dos proprietários dos meios de produção. Conduzia-se, assim, um processo de transição que sem dúvida implicaria reajustes no interior da classe dominante, mas que não colocaria em questão o objetivo de garantir a progressiva expropriação dos agentes sociais engajados no processo direto de produção (Chalhoub, 2005, pp. 46-47).

(...) A imersão do trabalhador previamente expropriado nas leis do mercado de trabalho assalariado passa por dois movimentos essenciais, simultâneos e não excludentes: a construção de uma nova ideologia do trabalho e a vigilância e repressão contínuas exercidas pelas autoridades policiais e judiciárias (Chalhoub, 2005, pp. 47).

A “ocupação colonial” em si era uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do controle físico e geográfico – inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais. Essa inscrição (territorialização) foi, enfim, equivalente à produção de fronteiras e hierarquias, zonas e enclaves; a subversão dos regimes de propriedade existentes; a classificação das pessoas de acordo com diferentes categorias; extração de recursos; e, finalmente, a produção de uma ampla reserva de imaginários culturais. Esses imaginários deram sentido à instituição de direitos diferentes, para diferentes categorias de pessoas, para fins diferentes no interior de um mesmo espaço; em resumo, o exercício da soberania. O espaço era, portanto, a matéria-prima da soberania e da violência que sustentava. Soberania significa ocupação, e ocupação significa relegar o colonizado em uma terceira zona, entre o status de sujeito e objeto (Mbembe, 2018, p. 38-41).

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PROBLEMÁTICA “A MULHER DE MALANDRO”¹²

Ora, quanto a questão e relação da “mulher de malandro,” e no mesmo sentido, aspecto e âmbito de certas relações afetivas e amorosas (talvez termos esses, sexistas e machistas), também há homens que são colocados e submetidos a práticas semelhantes ou parecidas com

¹² É preciso deixar claro que há muitos relatos e dados de situações de violência doméstica no Brasil. Entretanto, para não seguir a linha tradicional e convencional de exposições de casos ou relatos (já que o Brasil é o quinto país em feminicídio do planeta, Themis, 2017), optamos por mencionar um fato oposto, com suas especificidades e características. Porém, vale lembrar que como o trabalho é um ensaio, nos utilizamos de jogos de imagens e linguagens para falar, problematizar e pôr em crítica estruturas maiores, no sentido macro, político, nacional e suas relações internacionais. Logo, não é uma exposição, apelo ou apologia machista e sexista. Há muitas camadas de reflexões do início ao fim da obra em discussão. Alguns costumam de imediato com dogmatismos, intolerâncias e fundamentalismos diversos, tão logo realizarem juízos de valor sobre essa história e relato, alguns apontam machismo e sexismo. Geralmente são agentes de biótipos brancos e das classes médias e médias altas. Poucas pessoas perguntam pela cor e etnia de Genaro e de Gertrude, nomes esses aqui fictícios. Logo, fica explícito ou implícito que a violência contra a mulher, sobretudo a branca, é imediatamente repudiada. Mas, a violência doméstica de uma mulher branca contra um homem negro, não parece importar e não deve ser tida como violência. É o que parece. Essa história já foi criticada em debates de sala, após a revelação da etnia dos sujeitos, os debatedores ficaram constrangidos, se silenciaram e tentaram retoricamente se desfazerem de Genaro e sua etnia com o discurso de que a história era machista. Há uma vítima, um homem negro. Mas a vítima se torna a mulher branca. Sujeitos brancos sempre terão seus dramas hiperbolizados, privilegiados e se possível for, as narrativas são distorcidas nas demandas entre negros e brancos para favorecerem os brancos em detrimento dos negros.

tais conotações, e que também se associam ao termo, seus sentidos, significados, simbologias e analogias (como vítimas, e vítimas pela segunda vez, isso se forem negros e mestiços, porque o termo em sua dualidade e mão dupla, já os enquadram como possíveis malandros)¹³ correspondentes “a mulher de malandro”. Apenas como um exemplo dentre vários que já experienciamos, talvez como muitos brasileiros também já tenham visto ou experienciado, conhecemos certa família na qual a vítima ou no jogo de relacionamentos e de discussão, o malandro e “a mulher de malandro” era o homem. Os nomes serão fictícios por inúmeros motivos. Além de ser totalmente irresponsável, surreal, antiético e criminoso expor detalhes pessoais etc., de sujeitos, suas relações e das vítimas. Talvez este seja um exemplo micro que ecoa e ressoa com vários outros exemplos micros, assim como pode ecoar e ressoar com certa analogia, metáfora e alegoria macro e nacional. Digo de relações sociais políticas nacionais e internacionais. Com subordinações e submissões para/diante de países violadores e colonizadores.

Gertrude é casada com Genaro. Ambos têm quatro filhos. Sendo que Genaro não sabe quais e quantos são dele. Gertrude possui uma vida bastante corrida e ativa entre trabalhos informais e domésticos. Genaro trabalha informalmente, ajuda nos afazeres domésticos e ainda recebe uma pequena quantia de herança familiar.

Tanto marido quanto mulher têm quase a mesma idade, diferenças de três anos, entre um e outro, talvez. Mas não mais do que isso. Genaro é bem mais caseiro. Já Gertrude gosta bastante de sair à noite. Durante os dias também. Ela gosta de estar andando.

Entretanto, quando esta consome bebidas alcoólicas fica um pouco alterada, agressiva e violenta. E são vários os casos em que Gertrude briga com Genaro, o agride e o coloca para fora de casa. Sim, isso mesmo, e era real – Gertrude expulsava Genaro de casa. Da casa que era dele antes de conhecer Gertrude – essa casa era dos seus antepassados.

A vizinhança já cansou de ver e até dar risadas com Gertrude com um pilão de madeira ou um enorme pedaço de ferro correndo atrás de Genaro pelas ruas. E correndo atrás de Genaro, gritando, xingando-o e atirando coisas contra ele. O marido apenas corria pelas ruas a fugir de sua esposa furiosa e em manifestações violentas.

Não demorou para um dia Genaro correr pela vizinhança comunicando que Gertrude iria se casar. E todos perguntavam: “Mas, com quem?”. E ele respondia: “Com o Zé, o motorista”. Enfim, Gertrude levou o Zé para morar com ela na casa de Genaro, com as crianças e com Genaro. Onde Genaro, além de continuar apanhando cada vez mais, dormia no sofá, na varanda da casa ou no quintal, isso quando Gertrude o punha para fora de casa.

Tão logo Gertrude e Zé, o motorista, compraram uma barraca de pipocas com economias deles, e também de Genaro, e juntos ambos os pombinhos vendiam pipoca, saíam para passear e Genaro ficava tristonho, abatido e deprimido andando pelas ruas. Poucas pessoas o orientavam, lhe davam um apoio de alguma forma ou o consolavam. Sua casa e suas terras estavam indo de Gertrude para as mãos de Zé, o motorista – indiretamente.

Mas, o fato é que Genaro vivia, convivia e se mantinha ligado a Gertrude por inúmeras relações de dependências. O que vários especialistas com quem conversei chegaram a especular

¹³ Isso porque homens negros, pardos e mestiços já são vistos numa sociedade classista, racista e verticalizada – como possíveis malandros. Malandros em todos os sentidos, âmbitos e aspectos. E se forem vítimas em relações afetivas e amorosas, sofrem piadas e gozações como se estivessem se “comportando como mulheres de malandros”. Imagem isso numa sociedade machista. Notem como a problemática em tela é enorme, como o trabalho surge com o esforço de trazer luz a tais conflitos e se debruçar sobre eles, sendo atuais e com relevantes reflexões. Até porque nas entrelinhas dessas relações conflituosas, repletas de várias vítimas e de inúmeras origens, também se desaguam em outras formas de violências e crimes no tecido social brasileiro.

se seriam uma forte dependência afetiva-emocional de Genaro para com Gertrude; algum problema neurológico ou psiquiátrico; obsessão dele por ela; algum tipo ou espécie de masoquismo; uma forma, tipo e modo de síndrome de Estocolmo e dentre outras hipóteses. Porém, a questão e sua problemática eram a forte dependência, submissão e relação que uma vítima tinha com seu agressor/opressor. O que de alguma forma também o sequestrou em vários sentidos, âmbitos e aspectos. E aqui, deixamos/concluimos a história de Genaro e Gertrude que são algumas das representações sociais.

Pode-se observar claramente que Genaro seria, como sempre foi enquadrado pela sociedade local como um tipo e espécie de “mulher de malandro (Mas se fosse ele a ter o comportamento de Gertrude, ele seria considerado “o malandro.” Observem como o termo é um marcador, racista, etnocêntrico, sexista, machista, político e ideológico. E que já sabemos suas origens.). Ou seja, uma vítima ligada permanente ao seu agressor por inúmeras causas, consequências e motivos. Talvez conhecidos ou desconhecidos por, ou dele próprio, quanto da comunidade que presenciava os fatos. E por esse caso, assim como outros pela região e Brasil, podemos dizer que o termo “mulher de malandro” não é apenas um termo machista, racista, preconceituoso etc. Mas também um linguajar popular que foi incorporado, para identificar, afirmar, reclamar e denunciar práticas etc. — E que atualmente servem também para marcar certos homens e seus abusos para com as mulheres, sendo elas as maiores vítimas dessas relações e jogos de poder, abusos e forças. Entretanto, tais abusos e violências não deixam os homens fora da relação também como vítimas. Assim como bem observado pela e na construção histórica do país e do termo malandro. Inclusive em um país colonizado violentamente. Ou seja, o termo malandro é/vai além de machista, é um marcador social e racial.

Sendo assim, estamos partindo para os últimos desdobramentos da reflexão e exposição em tela. Já deixamos um sinal de que Genaro, Gertrude e Zé podem simbolizar o próprio Brasil com sua história colonial, e as novas práticas de neocolonização estrangeira. Digo as relações de dependências.

Geralmente a síndrome de Estocolmo está quase sempre vinculada ou associada as relações de sequestros. Mas vale dizer que há várias formas, modos, tipos e meios de sequestros. Sejam eles diretos ou indiretos, factuais e simbólicos, físicos e psíquicos, corporais e emocionais, pessoais e materiais. Pode-se sequestrar pela força, pela persuasão, pela sedução e assim por diante. O sequestro pode ser forçado ou de alguma forma consensual. Essas terras e suas vastas riquezas foram sequestradas dos povos indígenas. Assim como a identidade e cultura negra e indígenas foram sequestradas e adjetivadas.

Retornando a questão da síndrome de Estocolmo, parece complexo, mas uma vítima pode se identificar e se simpatizar com o sequestrador e permitir o sequestro até certo ponto, medida e aspecto. Talvez até o tempo em que lhe retorne o perfeito ou real juízo. Pode haver tempo ou ser tarde demais.

Sendo assim, a partir do momento em que a vítima passa a conviver com o sequestrador, muitos laços podem ser criados. É, a mente humana é um grande complexo de emaranhados. A obra cinematográfica “ATA-ME” de 1990 por direção de Pedro Almodóvar, mesmo sob certas polêmicas e críticas, ainda podem produzir importantes e relevantes reflexões sobre nossa discussão em tela. Isso sobre a complexidade da mente humana, nossos comportamentos ilógicos, contraditórios, complexos etc. E não apenas de um indivíduo, pessoa, grupo – mas, de um país ou considerável número de pessoas de tal país – em se afeiçoarem e se apaixonarem por seus colonizadores, estupradores, exploradores e violentadores – talvez as analogias, metáforas e alegorias possam aproximar sujeito e país. E é evidente que de alguma forma, tipo

e modo nessas relações já estão interligados certos elementos, processos e manifestações masoquistas em suas relações de dependências diversas. Mesmo sendo absurdas para alguns ou para muitos. Ou seja, aqui já estamos trabalhando “com e na dimensão de um país com tal síndrome”.

A dupla manifestação (paixão e ódio) na e da dualidade categórica (sequestrador e sequestrado) acaba que se complementando, se fundindo e se relacionando nesse processo de relações complexas, antagônicas, contraditórias e paradoxais. Colonizador e colonizados. Vale dizer que tais processos, comportamentos e manifestações não são uma generalização do povo brasileiro como um todo.

Ou seja, uma certa vítima que em relações de abusos e violências contra sua vontade — acaba que se envolvendo afetiva ou emocionalmente com seu agressor, violentador e sequestrador. E por ele criar certa paixão e dependência momentânea, como talvez podendo ser permanentes. Parece absurdo, mas o caso de Genaro e Gertrude podem se encaixar nesse conjunto e teorias. Assim como nas dos processos coloniais do Brasil. Lembrem-se, o trabalho está repleto de analogias, metáforas e alegorias.

OS VÁRIOS TIPOS, MODOS, FORMAS, ASPECTOS E SENTIDOS DE “SEQUESTRO” DO OUTRO OU OUTROS

Como observado, uma prática de sequestro pode ser considerada ampla, extensa e abrangente (múltipla e multifacetada). Assim como seus sentidos, significados, analogias etc. E intrinsecamente a elas o desenvolvimento da ou “das síndromes” de Estocolmo – e que há certa presença masoquista se manifestando analogamente e simultaneamente em tal relação entre sequestrador e sequestrado, torturador e torturado, perpetrador e vítima. Criando um processo de sentimentos confusos, cíclicos e perturbadores. Retirando a vítima de sua realidade e racionalidade e a conduzindo para campos e tuneis obscuros – no qual podem distorcer sua própria identidade, personalidade e sua a sua própria noção de si e psique.

Tais processos e seus movimentos vão levando a vítima a submissão, dependência e subordinação livre e espontânea para com seu algoz, perpetrador e sequestrador. Vamos dar termos mais próximos como senhor e escravo, amo-mestre-senhor, o que é amado pelo servo e ou serviçal, ou aquele a que ama o amo. Talvez já ou quase de alguma forma condicionado (Stowe, 2015).

Foi exatamente o que ocorreu com e no processo de colonização e neocolonizações com e no Brasil — e sua população. Primeiro foram transformados em escravos, sendo sequestrados de várias formas e sentidos. Após isso, por inúmeros processos e procedimentos de hibridizações, de fluxos culturais, crioulizações, misturas etc. – com/nas relações de forças e de poder entre colonizadores e colonizados, foram se desenvolvendo também relações de dependências, afetivas, amorosas e apaixonadas pelos seus sequestradores e violentadores. E claramente a síndrome de Estocolmo foi sendo manifesta ao longo do tempo e dos processos sociais, culturais e históricos, sendo assim, também expandida e aprofundada pelos/nos novos processos de novas formas de hibridizações, de fluxos culturais, crioulizações e misturas, se desdobrando em novos processos de neocolonizações e manipulação das mentes e corpos da população brasileira. Quase que um tipo de ciclo de dependência como certa herança social, cultural e histórica. De modo que a população e seus descendes foram passando/transmitindo tanto a tal dependência pelos colonizadores/sequestradores quanto a se identificarem com os referidos. O que contém certos elementos de fetiches e de masoquismos em tal relação social.

E à medida que os processos de neocolonizações se mantêm em vigor e com novas roupagens, dispositivos, processos, mecanismos e formas – vai se penetrando em novos indivíduos, grupos e sujeitos – quase que um círculo vicioso de dependência e necessidade de ser igual ou estarem com o sequestrador, colonizador e agora objeto de paixão, desejo e certo “amor” – tanto por sadismos quanto por masoquismos. Isso desde as elites nacional até os sujeitos das camadas mais pobres de nossa sociedade e país. É um fato de que a síndrome de Estocolmo já esteja presente nesse processo.

E com isso a população foi, e ainda está sendo colocada sob os grilhões e ferroadas de países euramericanos, tais como França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, no qual sequestram mental e culturalmente nossa população para novos processos de aculturação, violências e abusos, a mentalidade e imaginário social brasileiro ficou à mercê e apaixonada pelos tais. Talvez ainda esteja. E a eles devota tamanha obediência, submissão, tolerância e excessos de cordialidade livres, espontâneas e quase altruístas. De modo que a população brasileira, quase no geral, desenvolveu certa repugnância e aversão aos ou por povos da Ásia, Oriente, África e Latinos, sobretudo se forem considerados adversários e inimigos de seus amos, senhores e amados, sequestradores, violadores e abusadores.

Ou seja, não apenas uma grande parte da população brasileira, mas sim e também nossas instituições, relações e reproduções estão carregadas de etnocentrismos e xenofobias (Rocha, 1996) para com países que nunca nos fizeram mal algum, nunca interferiram em nossa democracia, leis, políticas, soberanias e rumos da nação. Mas contraditoriamente contemos certas simpatias, tolerâncias, paixões, amores e cordialidades extremas com países que quase sempre violaram nossa nação, cultura, leis, soberania, sociedade e rumos da nossa nação.

CONCLUSÕES

O que fica evidente, é que talvez estejamos já faz séculos num processo de sequestro, desenvolvimento da síndrome de Estocolmo, com elementos e práticas fetichistas e masoquistas. No qual poderíamos nos perguntar: Caímos num processo e ciclo vicioso como a Síndrome de Estocolmo?

E respondendo ou não a tal pergunta, nossos ideais, imaginários sociais, visão de mundo, de sociedade, política e relações sociais internacionais ficam evidentes e nos colocando em certos constrangimentos. Somos um país com certas tendências e aproximações Masoquistas, Fetichistas e com elementos e processos de Síndrome de Estocolmo? Ou somos realmente uma nação livre, soberana, autônoma e sem colonialismos? Somos realmente cordiais e terras de malandros?

Somos “cordiais por essência, natureza” ou por processos culturais, sociais, políticos, ideológicos, econômicos, comerciais e religiosos resultantes dos procedimentos de hibridizações, de fluxos culturais, crioulizações, misturas e domesticação desses? Nascemos com tal “dom” da cordialidade segregacionista e etnocêntrica ou nos embutiram essas em nossos cativeiros locais?

Tais questões importantes e suas reflexões podem revelar em muito sobre nossas percepções de Sociedade, Cultura Brasileira, Política, Relações Internacionais, a “mulher ou o homem dos malandros,” nossas aproximações com a Síndrome de Estocolmo, ou não. Inclusive as diferenças construídas sobre o suposto ou aparente “malandro,” suas objetividades, ideais e relações deste com e na vida cotidiana. Ou seja, há “malandros” dentro das classes dominantes, nos âmbitos políticos, empresariais, militares – e até mesmo “nações ou países” com suas

políticas de colonizações ou neocolonizações? – Eis talvez, ou quem sabe, aí os reais malandros. Tais respostas podem revelar “em que posições dos jogos” nós, o POVO-trabalhadores pobres brasileiros estamos. Importante enfatizar que o construto não é um instrumento machista, racista ou sexista, apenas fez uso dos jogos de linguagens dos opressores sobre/para com os oprimidos, e assim, buscando fazer uma certa inversão e subversão do termo/conceito malandro e o direcionado para suas reais origens, e simultaneamente a isso, também realizando a desconstruções dele, do termo, imagens e representações feita pelos dominadores e colonizadores para com os dominados e colonizados. Ou seja, a obra buscou tanto problematizar o termo, pô-lo sob críticas quanto, redirecioná-lo e demonstrar quem seriam os reais “malandros e mulheres de malandros.” Isso podendo ser verificado através e por meio das práticas políticas de entreguismos das riquezas e do povo do país, das viralatizações e de permissões de práticas neocolonialistas.. Ou seja, os reais malandros e “mulheres de malandros” estariam nessas relações e jogos, e não sob a população proletariada do Brasil. Enfim, o trabalho faz o esforço em promover a descolonização da mentalidade, visão de mundo e cultura brasileira, atuando especificamente nos emaranhados dos discursos, das práticas e das relações sociais. Penso que os leitores já devam ter desvendado o mistério tanto do cordial quanto do malandro, chegado as conclusões de quem realmente são eles e onde estão e atuando. E assim, os conscientizados sobre tais dinâmicas, processos e construções sociais, possam se posicionarem e atuarem frente as categorizações, adjetivações e marcadores classistas, verticalizados e colonialistas em vários aspectos (Severino, 1986, Duarte, 2024).

Esperamos que os leitores compreendam os cinco movimentos que fizemos com/no texto: 1) identificar, contextualizar e reinterpretar “o sujeito cordial” e o suposto “malandro do/no Brasil (e sua extensão e problemáticas racistas e classistas, além de meramente sexistas ou machistas);” 2) identificar nossas “síndromes ou paixões pelos colonizadores (síndrome em específica como a de Estocolmo); 3) Redirecionar o malandro para o lado de sua real origem; 4) Demonstrar tais marcadores sociais em processos de nossas relações internacionais; 5) Resistir ao termo malandro produzido sobre o povo. Pois ele é um marcador sutil e classista.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. Memórias de um Sargento de Milícias. São Paulo. Moderna, 2016.
- ANTÔNIO, J. Malagueta, Perus e Bacanaço. São Paulo. Cosac & Naify, 2004.
- APUFSC. Mulheres são mais escolarizadas que homens, mas brancas com ensino superior são o dobro das negras. Disponível: <https://www.apufsc.org.br/2024/03/11/mulheres-sao-mais-escolarizadas-que-homens-mas-brancas-com-ensino-superior-sao-o-dobro-das-negras/>
- ARENDT, H. Homens em Tempos Sombrios. São Paulo. Perspectiva, 2011.
- ARENDT, H. O Julgamento de Eichmann. São Paulo. Companhia das Letras, 2016
- BAGNO, M. A Língua de Eulália. São Paulo. Contexto, 2011.
- BAGNO, M. Preconceito Linguístico. São Paulo. Parábola, 2015.
- BARRETO, L. Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá. Belo Horizonte. Itatiaia, 2022.
- BAUMAN, Z. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro. Zahar. 1999.
- BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro. Zahar, 2017.

- BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro. Zahar, 2019.
- BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Lisboa. Editora: Fim de Séculos, 2003.
- BOURDIEU, P. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro. Zahar, 2006.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN). Disponível: <https://www.gov.br/depen/pt-br/aceso-a-informacao/institucional>.
- BRASIL. Dados sobre população carcerária do Brasil são atualizados. 10/01/2023. Justiça e Segurança. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/justica-e-seguranca/2020/02/dados-sobre-populacao-carceraria-do-brasil-sao-atualizados>.
- BRASIL. Negros representam 56% da população brasileira, mas representatividade em cargos de decisão é baixa. Senado Federal. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2020/08/negros-representam-56-da-populacao-brasileira-mas-representatividade-em-cargos-de-decisao-e-baixa>. 11 de Ago. 2020.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Condições de Vida e Desigualdades. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza.html>.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38544-domicilios-proprios-predominam-mas-13-5-deles-nao-tem-documentacao>. Acesso em: Mar. de 2024.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População pobre cai. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38545-pobreza-cai-para-31-6-da-populacao-em-2022-apos-alcancar-36-7-em-202>.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Número de Homens e Mulheres. Disponível: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/19625-numero-de-homens-e-mulheres.html>
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Número da População. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>
- BRUNDSCHWIG, H. *A Partilha da África Negra*. São Paulo. Perspectiva, 1990.
- CÂNDIDO, A. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo. Ed. Ouro, 2016.
- CASTRO, C. *Textos Básicos de Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CHALHOUB, S. *Trabalho, Lar E Botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo. Unicamp, 2005.
- CHAUÍ, M. *O Que é Ideologia*. São Paulo. Brasiliense, 1980.
- CHAUÍ, M. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo. Cortez, 2001.
- CHAUÍ, M. *Sobre a Violência*. São Paulo. Autêntica, 2019.
- CITELLI, A. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo. Princípios-Ática, 1990.

CONSULTOR JURÍDICO. Conjur: 20 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-nov-20/dia-consciencia-negra-busca-representatividade-justica>.

DIWAN, P. Raça Pura, Uma História da Eugenia no Brasil e no Mundo. São Paulo. contexto, 2017.

DUARTE, M. B.; MAIA, C. O. O Impacto da Violência na Percepção de Estudantes da Educação Básica - Niterói-RJ. Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação. v. 18, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/1430>.

DUARTE, M. B. A Dimensão Ontológica do Homem em Aristóteles e Marx: Fundamentando o Educando como Ser Político-Social e de Trabalho no Processo Educacional Social. Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação. n. 17, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/13148>.

DUARTE, M. B. Educação Desumanizadora sob Observação e Reflexão: a educação e escola como instrumentos de luta e resistência ou de conservação, domesticação, alienação e subordinação: Revista Observatório. v. 6, n. 4, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11111>.

DUARTE, M. B. Educação, Ensino, Aprendizado e Escola como Campo de Disputas e Instrumentos de Reprodução Social: Críticas Sociológicas e da Sociologia. Revista Cadernos da Pedagogia. Universidade Federal de São Carlos – SP. v. 16 n. 36, 2022. Dossiê: Processos de formação a partir de narrativas de vida. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1462>.

DUARTE, M. B. O Brasil dos poucos donos de grandes extensões de terras: uma aproximação com a pedagogia feudal entre suseranos e vassalos, analogia, metáfora ou elementos feudais? Revista Mutirão. Folhetim de Geografias Agrárias do Sul V. III, No. 3, 2022. <http://dx.doi.org/10.51359/2675-3472.2022.254349>

DUARTE, M. B. Etnocentrismo, Xenofobia e Medo: Pulsão, Repressão e Recalque como Medo oculto do outro, do desconhecido, do diferente e do diverso. Interterritórios. Revista de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL, V.8 N.17: e254345 [2023]. Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interterritorios/article/view/254345/43090>.

DUARTE, M. B. O ser cidadão no Brasil: Um problema de semântica, de conceito, não entendimento do termo, não ativação e efetividade da prática ou uma economia da concretude?. CAMINHOS DA EDUCAÇÃO diálogos culturas e diversidades, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 01–28, 2023. DOI: 10.26694/caedu.v5i2.3852. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/3852>. Acesso em: 9 dez. 2024.

DUARTE, M. B. Antropofagismo Político ou Canibalismo Político Moderno? Práticas simbólicas e figuradas como instrumentos de apropriação do outro e de suas qualidades, um ensaio. Revista Idealogando, Recife, v. 8, n. 1, p. 3-13, 2024, Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/idealogando/article/view/264885>

ENGELS, F. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. São Paulo. Boitempo, 2011.

ENGELS, F. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra. São Paulo. Boitempo, 2014.

FANON, F. Pele Negra, Máscaras Brancas. São Paulo. Ubu, 2017.

FERRO, M. A colonização explicada a todos. São Paulo. Unesp, 2017.

- FIORIN, J. L. Linguagem e Ideologia. São Paulo. Princípios, Ática, 1994.
- FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2006.
- FOUCAULT, M. Vigiar e Punir – História da Violência nas Prisões. Rio de Janeiro. Vozes, 2012.
- FOUCAULT, M. História da Loucura. São Paulo. Perspectivas, 2016.
- FREUD, S. Escritos sobre Psicologia do Inconsciente (1915). Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. O Ego e o Id. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- FREUD, S. Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo Da Vinci e outros trabalhos (1910). Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- FREUD, S. O Mal-estar na Civilização. São Paulo: L&PM, 2011.
- FREUD, S. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2012, A.
- FREUD, S. Totem e Tabu. São Paulo: LP&M, 2012, B.
- FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão. São Paulo: LP&M, 2013, A.
- FREUD, S. O Mal-estar na Cultura. São Paulo: L&PM, 2013, B.
- FREUD, S. Psicologias das Massas e Análises do EU. São Paulo. L&PM, 2014.
- FREUD, S. Além do Princípio de Prazer. São Paulo: L&PM, 2015.
- FREUD, S. Inibição, Sintoma e Medo. São Paulo: L&PM, 2017.
- G1. Notícias. Censo 2022: Pela 1ª vez, Brasil se declara mais pardo que branco; populações preta e indígena também crescem. Disponível:
<https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/12/22/censo-2022-cor-ou-raca.ghtml>
- GALEANO, E. As Veias Abertas da América Latina. São Paulo. Editora, L&PM, 2016.
- GANCHO, C. V. Como Analisar Narrativas. São Paulo. Princípios – Ática, 1993.
- GOODY, J. O Roubo da História: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. São Paulo. Contexto, 2009.
- GRENOUILLEAU, O. A História da Escravidão. São Paulo. Boitempo, 2009.
- HALL, S. Cultura e Representação. Rio de Janeiro. Vozes, 2013.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro. DP&A, 2014.
- HALL, S.; WOODWARD, K. Identidade e Diferença. Rio de Janeiro. Vozes, 2016.
- HIRST, J. A mais breve história da Europa. São Paulo. Sextante, 2014.
- HOBBSAWM, E. A Invenção das Tradições. São Paulo. Paz e Terra, 2015.
- HOBBSAWM, E. J. Sobre a História. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HOLANDA, S. B. Raízes do Brasil. São Paulo. Companhia das Letras, 2013.
- HUBERMAN, L. História da Riqueza do Homem. Rio de Janeiro, Zahar. 1972.

- JORGE, F. O Grande Líder. São Paulo. Geração Editorial, 2003.
- LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.
- LE GOFF. Uma Breve História da Europa. Rio de Janeiro. Vozes, 2016.
- LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História. São Paulo. Perspectiva, 2010.
- LINHARES, M. M. História Geral do Brasil. Rio de Janeiro. Editora: Campus, 2000.
- MARCONDES, D. Filosofia da Linguagem. Rio de Janeiro. Zahar, 2019.
- MARX, K.; Engels, F. A Ideologia Alemã. São Paulo. Editora: Boitempo, 2005.
- MARX, K. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 2006. v. 1.
- MARX, K. O Manifesto do Partido Comunista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- MARX, K. Manuscritos Econômicos Filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MATTOSO, K. Ser Escravo no Brasil. São Paulo. Brasiliense, 1999.
- MBEMBE, A. Necropolítica. São Paulo. N1 edições, 2018.
- METRÓPOLE. IBGE atualiza dados: Brasil tem 212,5 milhões de habitantes em 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/ibge-brasil-2125-milhoes-habitantes>
- MONTAIGNE, M. Ensaaios. São Paulo. Companhia das Letras, 2018.
- NOVO, B. N. A importância da educação prisional para a recuperação de detentos no Brasil e na Espanha, 17 de Julho de 2021. DIREITO NET. Disponível em: <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/12195/A-importancia-da-educacao-prisional-para-a-recuperacao-de-detentos-no-Brasil-e-na-Espanha#:~:text=Menos%20de%2013%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o,um%20diploma%20do%20ensino%20superior> .
- O TEMPO BRASIL. Com 55,5%, população negra é predominante no Brasil, diz Censo 2022 do IBGE Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/com-55-5-populacao-negra-e-predominante-no-brasil-diz-censo-2022-do-ibge-1.3298880>
- POCHMANN, M. O mito da grande classe média: Capitalismo e estrutura social. São Paulo. Boitempo, 2016.
- POCHMANN, M. Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo. Boitempo, 2017.
- REDE BRASIL ATUAL. Disponível em: [https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/menos-de-13-da-populacao-carceraria-tem-acesso-a-educacao/..](https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/menos-de-13-da-populacao-carceraria-tem-acesso-a-educacao/)
- REIS, J. J. Rebelião escrava no Brasil: A história do levante dos malês de 1835. São Paulo. Brasiliense, 1992.
- ROCHA, E. O que é etnocentrismo? Rio de Janeiro: Brasiliense, 1996.
- ROMANO, R. Os Mecanismos da Conquista Colonial. São Paulo. Perspectiva, 1995.



- SAID, E. W. Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SEVERINO, A. J. Educação, Ideologia e Contra ideologia. São Paulo: EPU, 1986.
- SOUZA, G. A Classe Média no Espelho. Rio de Janeiro. Editora: Estação Brasil, 2018.
- SOUZA, G. Como o Racismo criou o Brasil. Rio de Janeiro. Editora: Estação Brasil, 2019.
- STOWE, H. B. A Cabana do Pai Tomás. São Paulo. Lafonte, 2015.
- THEMIS – Gênero, Justiça e Direitos Humanos. 2017. Disponível em: ONU: Taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo; diretrizes nacionais buscam solução - Themis - Gênero, Justiça e Direitos Humanos.
- WAGNER, R. Símbolos que representam a si mesmos. São Paulo: UNESP, 2016.

NOTA: O autor foi responsável pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

RECEBIDO: 11/06/2025 RECEIVED: 11/06/2025 RECIBIDO: 11/06/2025

APROVADO: 06/09/2025 APPROVED: 06/09/2025 APROBADO: 06/09/2025